

*A SEXUALIDADE NO JUDAISMO:  
UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA*

Por  
ARNALDO RISMAN

Monografia realizada em cumprimento às exigências acadêmicas do Departamento de Psicologia da Universidade Gama Filho como requisito para conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Sexualidade Humana.

UNIVERSIDADE GAMA FILHO

Rio de Janeiro

1994

## ÍNDICE

I – INTRODUÇÃO .....	3
II – HISTÓRIA DO POVO JUDEU: TRADIÇÃO ESCRITA E ORAL .....	4
III – NIDDAH .....	18
3.1 – Origem do conceito de Niddah .....	18
3.2 – Conceito de Niddah e Menstruação – Tameh e Tahor .....	20
3.2.1 – Leis de Niddah referente ao Parto .....	21
3.2.2 – Leis de Niddah referente a mulheres grávidas, mulheres amamentando e mulheres idosas .....	24
3.2.3 – Leis de Niddah da noiva .....	24
3.3 – Conduta do casal durante o período de “impureza” da mulher judia .....	25
3.4 – Hefsek Taharah: Verificação do término do ciclo menstrual e a contagem dos sete dias limpos .....	29
IV – MICVÊ .....	31
4.1 –O que é um Micvê e sua estrutura .....	31
4.2 – Objetivo da imersão no Micvê: um ritual de mudança de status .....	33
4.3 – A origem das águas do Micvê .....	36
4.4 – A higiene da mulher antes da imersão .....	37
4.5 – Ritual de imersão .....	38
V – AS NORMAS DE PUREZA FAMILIAR JUDAICA .....	41
5.1 – Visão do sexo no Judaísmo .....	44
5.2 – A relação sexual no Judaísmo .....	48
VI – CONCLUSÃO .....	55
VII – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	56

## I - INTRODUÇÃO

O presente estudo, tem entre outros objetivos, conhecer tradições milenares de um povo cujo costumes e histórias foram passadas através de um idioma diferente (hebraico e aramaico), o qual dificulta as leituras e estudos mais profundos por parte dos leigos.

Tendo em vista que as literaturas relacionadas com a sexualidade, geralmente se referem a uma educação judaica-cristã, sendo por muitas vezes vista mais pela parte cristã, observamos a necessidade de um conhecimento, mais amplo, a respeito da sexualidade na religião judaica vista pela literatura básica judaica, isto é, obras que são consideradas como sagradas no Judaísmo.

Segundo o objetivo deste estudo, conhecer através de uma pesquisa bibliográfica a questão da sexualidade na religião judaica, se faz necessário realizar um histórico do povo judeu e da origem de suas obras literárias.

Essas obras são conhecidas como: Torá (Bíblia), Mishná, Talmud de Jerusalém e da Babilônia, Shulchan Aruch, Zohar, entre outras. Todas essas obras serviram como fontes para a realização desse trabalho.

Segundo os mandamentos das Escrituras Sagradas, existem algumas restrições que são colocadas na relação do casal.

Essas restrições estão intimamente relacionadas com a questão da menstruação, onde veremos sua origem, conceito e as normas de conduta do casal durante este período.

Abordaremos também, sobre o processo de verificação do término do ciclo menstrual até o banho ritual de purificação, que a mulher judia realiza todo mês.

Outro ponto importante a ser mencionado refere-se às normas de pureza familiar, à visão do sexo no Judaísmo e finalmente, à questão da relação sexual na religião judaica.

## II – HISTÓRIA DO POVO JUDEU: TRADIÇÃO ESCRITA E ORAL

De acordo com a tradição e cultura judaica, existe um registro preciso e exato de todos os grandes eventos acontecidos durante os primeiros dois mil anos de existência do mundo civilizado.

A Bíblia ou Torá (que será explicada mais adiante) data o início da criação do mundo de 5754 anos, exatamente no dia cinco de Elul (mês luno-solar judaico que corresponde à Agosto – Setembro)<sup>1</sup>. A criação do mundo por D's<sup>2</sup> deu-se em seis dias sendo o homem criado no 6º dia, que corresponde ao dia um de “Thishrei” no calendário judaico, data conhecida como “Rohs Hashaná” (Cabeça do Ano) que marca o ano novo judaico e que seria o ano novo universal<sup>3</sup>.

A tradição judaica registra que, sendo o primeiro ser humano um ser hermafrodita<sup>4</sup> que D'us, posteriormente partiu em dois dando origem a Adam (Adão, homem) e Chava (Eva, mulher). O divino os caracterizou como seres dotados de profecia e para os quais revelou inúmeros segredos naturais, como o princípio da combustão – como produzir e utilizar o fogo, e o misticismo<sup>5</sup>.

À Adam foram entregues seis leis ou princípios universais, que posteriormente deram origem aos “Códigos de Leis da Antigüidade”, como o “Código Sumério” e o de “Hamurabi”<sup>6</sup>.

- 
- (1) O calendário judaico possui 12 meses e cada um corresponde aproximadamente a cada mês do ano do calendário grego-romano. São eles: Tishrei – Setembro; Chesvan – Outubro; Kislev – Novembro; Tevet – Dezembro; Shvat – Janeiro; Adar - Fevereiro; Nissan – Março; Iar - Abril; Sivan – Maio; Tamuz – Junho; Av – Julho; Elul – Agosto.
  - (2) O povo judeu expressa desta forma escrita o nome do Divino.
  - (3) Isaacs, Jacob. *Our People. History of The Jews*.
  - (4) Talmud Babilônico, Tratado de Eruvin, pg. 18-ª Meiselman, Moshé – *Jewish woman in Jewish*, pg. 9 – 12.
  - (5) Fendel, Zecharia. *Legacy of Sinai*. pg. 19 – 22.
  - (6) Idem. *Ibidem*.

Além destas regras básicas, uma quantidade enorme de conhecimentos éticos e místicos lhe foram transmitidos dos quais posteriormente foram compilados clássicos da mística judaica, como o “Livro de Raziel”, “Livro da Criação”, etc...<sup>7</sup>

O manuseio de materiais como o ferro e a criação de instrumentos pelo homem também são registrados na Torá<sup>8</sup>.

Dez gerações após a criação do ser humano, ocorreu o dilúvio do qual salvaram-se apenas os animais recolhidos por Noé (em hebraico, NOACH) e sua família. Sendo ele também profeta, e tendo contato direto com Adam, os conhecimentos foram por ele preservados e transmitidos aos seus filhos – Shem (ancestral dos Semitas), Cham (ancestral dos Camitas, povos da África, Fenícios, entre outros) e Yefet (ancestral de inúmeros povos como os Celtas, Teutônicos, Persas, Gregos, etc...)<sup>9</sup>.

Aos filhos de Noach foi dada a sétima lei universal, que permite o consumo de animais somente em caso de necessidade sem causar dor ou sofrimento.

De Shem a tradição chega a Avraham, seu descendente, o primeiro patriarca do povo judeu e grande propagador do monoteísmo. A ele é atribuída a autoria de um dos mais antigos livros da mística judaica – o “Sefer Maietsirá” (Livro da Criação).<sup>10</sup>

Avraham passa a viver e morre em Israel, local que o Divino lhe dá e a seus descendentes como herança eterna.

De acordo com os estudos de rabi Menachi ben Israel no século XVII, parte dos descendentes de Avraham chegaram até a Índia e circunvizinhanças trazendo-lhe estes conhecimentos místicos<sup>11</sup>.

Seis gerações depois, os descendentes de Avraham, conhecidos como filhos de Israel ou Israelitas, pois o neto de Avraham era Jacob que foi nomeado por D’us como “Israel”, foram eventualmente morar no Egito onde um dos filhos mais jovens, Yossef, tornou-se vice-rei. Posteriormente o povo foi escravizado pelos faraós e libertados cerca de sete gerações depois através de Moisés (em hebraico “Moshé”), que os guiou por quarenta anos através do Sinai<sup>12</sup>.

---

(7) Fendel, Zecharia. Legacy of Sinai. pg. 19 – 22

(8) Gênesis 4:20-22.

(9) Fendel, Zecharia. Legacy of Sinai. pg. 19 – 22.

(10) Kaplan, Arie. Sefer Yetzikhah. The Book of Creation.

(11) Grunplant, Natan. Luminárias de Israel. Pg. 308 – 313.

(12) Fendel, Zecharia. Legacy of Sinai. pg. 27 - 30.

No sexto dia de Sivan (mês do calendário judaico, corresponde a Março – Abril), três meses após o povo judeu sair do Egito, no ano 2448 após a criação do mundo – 1313 A.C., Moshé através do Divino recebeu a “Torá Escrita e Oral” no Monte Sinai<sup>13</sup>.

A Torá foi entregue na presença de todo povo de Israel – aproximadamente 600.000 homens<sup>14</sup> adultos de idade variando dos vinte aos sessenta anos, um número muito maior de pessoas idosas, mulheres e crianças, juntamente com uma multidão de pessoas dos outros povos<sup>15</sup>. Conta a Torá que quando o povo judeu aceitou a Torá, sua resposta inicial foi: “Tudo o que D’us quiser, nós faremos e nós ouviremos.” (Na’aseh ve Nishmá)<sup>16</sup>. Os sábios acentuam o fato de que a sua primeira declaração foi “Nós faremos”. Isto indica que quando a Torá foi dada, o povo judeu estava pronto para cumprir os mandamentos e “fazê-los”, antes de “ouvir” qualquer razão ou lógica deles<sup>17</sup>.

Durante quarenta dias e quarenta noites, Moshé esteve no cume do Monte Sinai aprendendo todos os mandamentos, assim como o significado correto da Torá, o qual foi transmitido oralmente de geração a geração<sup>18</sup>.

Após o recebimento da Torá, Moshé apresenta ao povo, aos Levitas e aos sábios de Israel<sup>19</sup> e, coloca na Arca<sup>20</sup> para servir de testemunho, como está escrito:

*“Tome este livro da Torá e coloque-o ao lado da Arca da Aliança do Senhor, teu D’us que ele esteja lá como um testemunho em ti.”*<sup>21</sup>

A Torá Escrita basicamente refere-se aos primeiros cinco livros da Bíblia. Seu conjunto é conhecido como Pentateuco. Cada livro possui um nome, são eles: “Bereshit” (Gênesis), “Shemot” (Êxodo), “Vayikrah” (Levítico), “Bamidbar” (Números) e “Devarim” (Deuteronômio)<sup>22</sup>.

---

(13) Isaacs, Jacob. Our People. History of The Jews. pg. 103.

(14) Êxodo 12 : 37, Êxodo 30 : 11 – 15, Números 1 : 19, Números 1: 20 – 47, Números 2: 1 – 32, Números 26 : 1 – 51.

(15) Êxodo 20 : 15 – 19, Dent. 5 : 1 – 5; 19 – 27.

(16) Êxodo 24 : 7.

(17) Talmud Babilônico – Tratado Shabat. pg. 68 A.

(18) Fendel, Rabbi Zechariah. Legacy of Sinai. pg. 44 – 51.

(19) Deuteronômio 31 : 9.

(20) Por ordem Divina, o povo judeu construiu uma Arca no deserto, para a colocação da Torá escrita, que foi colocada no Primeiro Templo Sagrado de Jerusalém e ficou lá até sua destruição. O arquiteto do Tabernáculo foi Betzalel.

(21) Deuteronômio 31 : 26.

(22) Metzliah, Meier. A Lei de Moisés, pg. 1.

De acordo com a Torá, D'us ditou todo o Pentateuco a Moshé, que o escreveu. Portanto, a autoria do Pentateuco é atribuída a Moshé, que escreveu sob “inspiração Divina”<sup>23</sup>.

Esta crença faz parte dos “Treze Princípios da Fé Judaica”, compilada por Maimônides:

*8ª – “Eu creio com fé completa que toda lei que se encontra em nossas mãos é a que foi dada a Moshé, nosso mestre, de “Bendita Memória.”*<sup>24</sup>

Durante o período de quarenta anos, entre 2448 a 2488 a partir da criação do mundo (1313 A.C. – 1237 A.C.)<sup>25</sup>, Moshé ensinou ao povo a Torá Escrita e a Torá Oral.

As explicações e orientações da Lei Oral sobre a Lei Escrita que também foram dadas no Monte Sinai, Moshé não escreveu, e sim transmitiu aos sábios<sup>26</sup>, a Josué (em hebraico Yehoshua) e ao restante de Israel, conforme está escrito: “Tudo o que lhes ordeno deveis obedecer.”<sup>27</sup> A partir daí, está definida a Lei Oral<sup>28</sup>.

Embora não estivesse escrita, Moshé ensinou a sua íntegra, aos sábios, como também a Eleazar, Finéias (em hebraico: Pinchas) e Yehoshua – os três receberam-na de Moshé, isto é, foram os seus três principais receptores<sup>29</sup>.

No ano 2488 a partir da criação do mundo, o povo judeu entrou em Israel, porém Moshé não pode entrar por ordem Divina. Neste momento Yehoshua ficou incumbido de resguardar e transmitir a Lei Oral. Sendo o responsável Yehoshua ensinou-a durante toda a vida. Esta tradição passou de geração após geração da seguinte maneira:

*“Os anciãos, receberam a Lei Oral de Yehoshua. Eli recebeu-a dos anciãos e de Finéias; Samuel de Eli e sua corte. Davi, de Samuel e seu tribunal. Ahia o silonita, estava entre aqueles que tinham vindo do Egito. Ele era um levita e aprendera a Lei em*

(23) Idem. Ibidem.

(24) Fridlin, Jairo. Sidur da Semana. Pg. 120.

(25) Kantor, Matter. The Jewish Time line Encyclopedia A Year by Year History from creation to the present. Pg. 33 – 34.

(26) Êxodo, 24 : 1 ; Números, 11 : 16 – 17.

(27) Deuteronomio 4 : 2.

(28) Maimônides. Mishnê Torá. O Livro da Sabedoria. Pg. 23.

(29) Idem. Ibidem.

*sua infância. Ele recebeu a Lei Oral de Davi e seu tribunal. Elias recebeu-a de Ahia e seu tribunal. Eliseu, de Elias e seu tribunal. Jeoiada, o sacerdote, de Eliseu e seu tribunal. Zacarias, de Jeoiada e seu tribunal. Oséias, de Zacarias e seu tribunal. Amós, de Oséias e seu tribunal. Isaías, de Amós e seu tribunal. Miquéias, de Isaías e seu e seu tribunal. Joel, de Miquéias e seu tribunal. Naum, de Joel e seu tribunal. Habacuque, de Naum e seu tribunal. Zefanias, de Habacuque e seu tribunal. Jeremias, de Zefanias, e seu tribunal. Baruque, o filho de Neria, de Jeremias e seu tribunal. Esdras, e seu tribunal receberam-na de Baruque e seu tribunal. Os membros do tribunal de Esdras são chamados de “Os Homens da Grande Assembléia”. Eram eles Ageu, Zacarias, Malaquias, Daniel, Ananias, Misael e Azaria, Neemias o filho de Hacalias, Mordecai, Zerubabel e muitos outros sábios, totalizando conjuntamente cento e vinte Anciãos. O último deles foi Simão, o Justo. Ele recebeu a Lei Oral de todos eles e foi sumo-sacerdote após Esdras. Antígono de Soco e seu tribunal receberam a Lei Oral de Simão, o Justo e seu tribunal. Iossei o filho de Joezer de Zeredá, e José, o filho de Iohanán de Jerusalém, e seus tribunais (receberam-na) de Antígono e seu tribunal. Yehoshua, o filho de Peraquia, e Nitai o arbelita e seu tribunal (receberam-na) de Iossei o filho de Joézer e de José o filho de Iohanán e seus tribunais. Judá, o filho de Tabai, e Simão, o filho de Shetá e seus tribunais receberam de Josué, o filho de Perequia, e de Nitai, o arbelita, e seus tribunais. Shemaiá e Abtalion, prosélitos e seus tribunais receberam de Judá e Simão e seus Tribunais. Hilel e Shamai e seus tribunais receberam de Shemaiá e de Abtalion e seus Tribunais. Raban Iohanán, o filho de Zacai e Raban Simeão, o filho de Hilel, receberam de Hilel e seus tribunais, Raban Iohanán bem Zecai tinha cinco discípulos que eram os mais destacados entre os eruditos que dele receberam a Lei Oral. Eram eles, Rabi Eliézer, o Grande, Rabi Yehoshua, Rabi Iossi, o Sacerdote, Rabi Simeão, o filho de Natanael, e Rabi Eleazar, o filho de Arac. Rabi Aquiba, o filho de José, recebeu a Lei Oral de Rabi Eliézer, o Grande. José, seu pai, foi um convertido. Rabi Ismael e Rabi Meir, filho de um prosélito, receberam a Lei Oral de Rabi Aquiba. Rabi Meir e seus companheiros também receberam-na de Rabi Ismael. Os confrades de Rabi Meir eram Rabi Judá, Rabi Iossi, Rabi Simeão, Rabi Neemias, Rabi Eleazar, o filho de Shamua, Rabi Iohanán, o sapateiro, Simeão, o filho de Azai, e Rabi Ananias, o filho de Teradion. Os companheiros de Rabi Aquiba também receberam a Lei Oral de Rabi Eliézer, o Grande. Os confrades de Rabi Aquiba foram Rabi Tarfon, o Mestre de Rabi Iossi, o Galileu, Rabi Salomão, o filho de Eleazar, e Rabi Iohanán, o filho de Nuri. Raban Gamaliel, o Velho, recebeu a Lei Oral de Raban Simeão, seu pai, filho de Hilel, o Antigo. Raban Simeão, seu filho, recebeu-a dele. Raban Gamaliel, seu filho, recebeu-a dele. Raban Simeão, seu filho, recebeu-a dele.. Rabi Judá, o filho de Raban Simeão, é o Rabi, chamado Rabenu Hacadoch. Ele recebeu a Lei de seu pai e de Rabi Eleazar, o filho de Shama, e de Rabi Simeão, confrades de seu pai”<sup>30</sup>.*

Desde a época de Moshé até a Rabenu Hacadoch (1313 A.C. até 350 D.C.) não havia sido composta nenhuma obra através da qual se tivesse ensinado publicamente a Lei Oral. Mas em cada geração, o líder do Supremo Tribunal (Sanhedrim), muitas vezes este era o profeta daquela época, anotava para o seu uso particular um memorando das

---

(30) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 23 – 24.

tradições que aprendera de seus mestres, os quais ensinavam oralmente, em público. Da mesma forma, cada discípulo anotava, segundo a sua habilidade, a exposição da Torá e sua jurisprudência, conforme as ouvira, como também os novos assuntos que iam aparecendo em cada geração, que não haviam sido recebidos pela tradição, mas deduzidas pela aplicação das “Treze Regras Hermenêuticas”<sup>31</sup>, e que eram utilizadas pelo Supremo Tribunal. São elas:

- 1º – *“Por interferência do termo menor no maior ou vice-versa.*
- 2º – *Por uma decisão fundada em similitude de preposições nos textos.*
- 3º – *Por principal regra contida em um versículo ou deduzida de dois versículos.*
- 4º – *Da composição de uma proposição com sua particular específica.*
- 5º – *De um termo particular seguido por um geral.*
- 6º – *Preceitos tratados do principal ao geral, depois ao particular, devem ser explanados de acordo com o teor da especificação.*
- 7º – *De uma proposição geral que requer uma particular ou de um termo particular que requer um termo geral.*
- 8º – *Qualquer termo incluído em uma proposição geral e depois mencionada separadamente e acrescentando alguma particularidade, esta exceção, não é dada somente por sua própria causa, mas ensina que igualmente afeta o termo no seu todo geral.*
- 9º – *Qualquer termo incluído em uma proposição geral, e depois executado para provar um argumento similar ao seu desejo, tende a atenuar mas não a agravar a determinação.*
- 10º – *Qualquer termo incluído numa proposição geral e depois executado para afirmar um caso diferente do seu sujeito, serve tanto para atenuar como para agravar.*
- 11º – *Toda coisa incluída em uma proposição geral e depois executada para determinar nova matéria não pode ser aplicada à proposição geral se não for expressamente aplicada e mencionada no texto.*
- 12º – *Todo termo deduz-se do próprio contexto ou se deduz do fim do texto.*
- 13º – *E assim, quando dois textos se contradisserem, não podemos determinar o sentido até que surja um terceiro texto que os harmonize”.*<sup>32</sup>

---

(31) Talmud Babilônico – Tratado de Terriná. pg. 16 A - Talmud Babilônico – Tratado de Shavuot. pg. 26 A.

(32) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 25.

Este era o método utilizado inclusive, na época de Rabenu Hacadosh que compilou a Mishná. Como a Lei Oral era transmitida de mestre a discípulo no correr dos séculos por instrução oral, tornou-se evidente a necessidade de dispor e dar redação final a matéria. As razões eram principalmente mneumônicas<sup>33</sup>, uma vez que a grande quantidade de material oral já não podia ser confiada somente à memória por meio de repetição e estudo intensivo.

Em, 242 D.C., Rabenu Hacadosh consolidou, através da obra que compilou, a “Mishná”, as tradições, estatutos, jurisprudências e exposições de cada parte da Torá, transmitidas por Moshé ou deduzidas pelo Tribunato através das gerações sucessivas. Todo esse material foi por ele redigido e assiduamente ensinado em público, tornando-se, assim, “conhecida universalmente entre os judeus”.<sup>34</sup>

Suas cópias foram feitas e amplamente disseminadas, para que a Lei Oral não fosse esquecida pelo povo.

*“O motivo principal que levou a compilação da Mishná foi a diminuição do número de discípulos, as catástrofes aconteciam, o cruel governo romano estendia o seu domínio, destruição do Templo Sagrado (70 D.C.), e os judeus vagavam para países distantes”.*<sup>35</sup>

Por todos esses motivos, Rabenu Hacadosh realizou uma obra para servir de manual, e o conteúdo seria rapidamente estudado e não seria esquecido.

A divisão desta obra se dá em seis grandes categorias, cada qual lidando com uma gama de assuntos. Em diversas ordens (em hebraico “Sedarim”) há grande homogeneidade de temas, enquanto em outros se inclui matérias ligeiramente divergentes para abranger todo o espectro de questões relevantes. As ordens são as seguintes: 1. “Zeraim”- referente a leis de agricultura; 2. “Moed”- referente a leis de festas religiosas; 3. “Nashim” – referente a leis das mulheres; 4. “Nezequim” – referente a leis e danos; 5. “Codashim” - referente a leis dos assuntos e coisas sagradas, e 6. “Taharot” - referente a leis de pureza”.<sup>36</sup>

---

(33) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 15 – 24.

(34) Maimônides. Mishnê Torah: O Livro da Sabedoria. pg. 25.

(35) Idem. Ibidem.

(36) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 15 - 24.

Cada um dos livros é chamado de Tratado ( em hebraico “Massechet”). Os tratados são divididos em capítulos e os capítulos em unidades menores conhecidas como “Mishnaiot” (singular “Mishná”) em que cada Mishná trata de uma lei (em hebraico: Halachá) específica ou de diversas halachot (plural de halachá) correlatas.<sup>37</sup>

Os sábios e discípulos de Rabenu Hacadosh que ajudaram a organizar e assim estruturar a “Mishná”, foram chamados de Tanaim ( ano 1 D.C. até 242 D.C.) significa “aquele que estuda”, repetindo e passando adiante o que aprenderam de seus mestres. Esta época foi um período de vital criatividade independente em muitas esferas e de inovação de forma e conteúdo, pois neste período os sábios procuraram salvar o estudo da Torá como último legado do Judaísmo, principalmente após a destruição do templo e devastação de Israel no ano 68 D.C.<sup>38</sup>

Rabenu Hacadosh conseguiu completar a “Mishná” em 242 D.C., e deu-lhe sua forma e caráter permanentes, com o que encerrou o período dos Tanaim. (1 D.C. até 242 D.C.)<sup>39</sup>.

Durante toda a sua vida, Rabenu Hacadosh e seus discípulos se dedicaram a dar instrução pública sobre a Mishná. Entre os que mais se destacaram estão:

*“filhos Shimon e Gamaliel, Rabi Efes, Rabi Hanina, filho de Homo, Rabi Itia, Rav Ianai, Rabi Bar – Capara, Shmuel, Rabi Iohanán e Rabi Hoshea”.*<sup>40</sup>

Estes foram os mais ilustres dos sábios que dele receberam instruções, dentre dezenas de outros eruditos.

Entre os sábios que receberam a Lei Oral de Rabenu Hacadosh, alguns compilaram obras que ajudaram a clarificar a Mishná. São eles: Rav compilou o “Sifrá” e os “Sifrê” (explicações sobre Levítico, Números e Deuteronomio), cujo propósito é de aclarar os princípios da Mishná. Rabi Itia compilou a “Tossefta” (literalmente “acréscimo) para explicar o tema da Mishná. Da mesma forma, Rabi Hoshea e Bar Capara compilaram

---

(37) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 15 – 24.

(38) Idem. Ibidem.

(39) Idem. Ibidem.

(40) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 25.

“Baraitot” (ensinamentos exteriores) para elucidar o texto da Mishná. Rabi Iohanan (342 D.C. a 392 D.C.) compôs o Talmud de Jerusalém em Israel, que os romanos convenientemente chamavam de Palestina, aproximadamente três séculos após a destruição do Segundo Templo Sagrado de Jerusalém.<sup>41</sup>

Entre os sábios que receberam instrução de Rabi Iohanan estavam:

*“Rabá, neto de Haná, Rav Ami, Rav Assi, Rav Abim. Entre os sábios que ficaram assim instruídos por Rav Huma e Rav Yeudá, estavam Rabá e Rav Iossef. Entre os discípulos de Rabá e Rav Iossef estavam Abaié e Rava. Entre os discípulos de Rava se encontravam Rav Achi e Ravina.”*<sup>42</sup>

Houve quarenta gerações de Eruditos que receberam a Lei Oral de seus predecessores em sucessão ininterrupta. Recontando a partir de Rav Achi até Moshé. Abaixo será exposta esta relação de Eruditos com base em Maimônides, em Mishnê Torá:

*“(1) Rav Achi recebeu de Rava; (2) Rava, de Rabá; (3) Rabá, de Rav Huna; (4) Rav Huna, de Rabi Iohanan, Rav e Samuel; (5) Rabi Iohanan, Rav e Samuel, do Rabenu Hacadosh; (6) o Rabenu Hacadosh, de seu pai, Rabi Simão; (7) Rabi Simão, de seu pai, Raban Gamaliel; (8) Raban Gamaliel, de seu pai, Raban Simão; (9) Raban Simão, de seu pai, Raban Gamaliel, o velho; (10) Raban Gamaliel, o Velho, de seu pai, Raban Simeão; (11) Raban Simeão, de seu pai Hilel e de Shamaí; (12) Hilel e Shamaí, de Shemaiá e Abtalion; (13) Shemaiá e Abtalion, de Judá e Simeão; (14) Judá e Simeão, de Josué, filho de Perachia e de Nitai, o arbelita; (15) Josué e Nitai, o arbelita, filho de Joézer de José, filho de Iohanan; (16) Iossi filho de Joézer, e José, filho de Iohanan, de Antígono; (17) Antígono, de Simeão, o Justo; (18) Simeão, o Justo, de Esdras; (19) Esdras, de Baruque; (20) Baruque, de Jeremias; (21) Jeremias, de Zefanias; (22) Zefanias, de Habacuque; (23) Habacuque, de Naum; (24) Naum, de Joel; (25) Joel, de Miquéias; (26) Miquéias, de Isaías; (27) Isaías, de Amós; (28) Amós, de Oséias; (29) Oséias, de Zacarias; (30) Zacarias, de Jeoiada; (31) Jeoiada, de Eliseu; (32) Eliseu de Elias; (33) Elias, de Ahia; (34) Ahia, de Davi; (35) Davi, de Samuel; (36) Samuel, de Eli; (37) Eli, de Finéias; (38) Finéias, de Josué; (39) Josué, de Moshé Rabenu; (40) Moshé Rabenu, o mestre de todos os profetas, do Eterno D. S. de Israel”.*<sup>43</sup>

Além dos sábios mencionados nesta recontagem houve milhares de discípulos em cada geração. Ravina e Achi encerram a lista de sábios do Talmud.

---

(41) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 25.

(42) Idem. Ibidem. Pg. 26.

(43) Idem. Ibidem.

Rav Achi compilou o Talmud Babilônico ( mais ou menos 500 D.C.), nas terras de Shinar (Babilônia), cerca de um século após Rabi Iohanán ter compilado o Talmud de Jerusalém.<sup>44</sup>

Os Talmud, o de Jerusalém e o da Babilônia possuem exposições de textos de Mishná e uma elucidação de seus pontos conflitantes e profundos.<sup>45</sup>

As obras realizadas, como os dois Talmud, as Tosseftot, a Sifrá, o Sifrê, fazem parte das origens do que é proibido e o que é permitido, o que é impuro e o que é puro, o que é violação sujeita a penalidade e o que não é sujeita a pena, o que é adequado para o uso e o que é inadequado.<sup>46</sup>

Nestas fontes também estão os decretos instituídos pelos sábios e profetas para servir de “Muralha protetora” com respeito à lei segundo a injunção expressa na Torá: “Devereis guardar as minhas ordenanças”.<sup>47</sup>

Essas fontes possuem os conceitos dos costumes, os decretos, os julgamentos e as regras que não constam explicitamente na Torá Escrita e Oral, e sim foram deduzidas pelo Supremo Tribunal pela aplicação dos Princípios Hermenêuticos para a jurisprudência da lei.<sup>48</sup>

Todo esse material, Rav Achi reuniu na Guemará,

*“conhecido Talmud, que contém a jurisprudência relativa a Mishná. Há duas compilações de Guemará: uma de Jerusalém e outra da Babilônia; a Mishná mais a Guemará de Jerusalém formam o Talmud de Jerusalém; a Mishná mais a Guemará Babilônica formam o Talmud Babilônico”.*<sup>49</sup>

Algumas obras foram realizadas antes da feitura do Talmud Babilônico. Foram feitas pelos sábios da Mishná, para explicar e assim tornar mais clara as palavras da Torá. Rabi Hoshai, discípulo de Rabenu Hacadosh, escreveu uma exposição do Livro Bereshit (Gênesis). Rabi Ismael escreveu um comentário desde o início do Livro Shemot (Êxodo) até o final do Devarim (Deuteronômio).<sup>50</sup>

(44) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 26.

(45) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 76 – 86.

(46) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 27.

(47) Levítico 18:30.

(48) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 27.

(49) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 54 – 65.

(50) Maimônides. Mishnê Torá: O Livro da Sabedoria. pg. 28.

Esta obra é chamada de Mequila, isto é, nome dado a diversos comentários midráshicos sobre a Mishná. Rabi Akiva também escreveu uma Mequila. Outros sábios, que viveram posteriormente, compilaram os “Medrashim”, isto é, interpretações alegóricas, em linguagem simples, popular de trechos difíceis da Torá ou da Mishná.

Ravina e Rabi Achi foram os últimos dos grandes sábios que estabeleceram firmemente a jurisprudência da lei, formularam decretos, ordenações e introduziram costumes que foram aceitos entre o povo judeu onde quer que estivessem estabelecidos.<sup>51</sup>

O Talmud se tornou o texto básico e a fonte primária da lei judaica. É, na verdade o último livro de fontes no Judaísmo, pois as obras que se lhe seguiram eram em grande parte baseadas nela.<sup>52</sup>

Cópias do Talmud chegaram a várias comunidades judaicas, inclusive aos mais remotos grupos da Ásia, África e Europa. Mas o seu estudo não foi fácil mesmo para os mais dotados eruditos. Por causa da editoração, não sistemática do Talmud, cada secção requeria certo grau de conhecimento prévio. Outro fator importante foi a língua, o jargão arameu-hebraico, no qual o Talmud está escrito, foi por muitas gerações o dialeto dos judeus babilônicos, mas em outros países os judeus falavam outros dialetos locais. Até o aramaico foi substituído pelo árabe na Babilônia pelos conquistadores muçulmanos em meados do século VII.<sup>53</sup>

Com estas dificuldades, os eruditos das várias comunidades do mundo encontraram problemas para estudar e precisavam de esclarecimento sobre a obra.

As autoridades que tinham a capacidade para melhor esclarecer esses problemas eram os chefes das grandes academias babilônicas de Sura e Pumbedita. Esses eram conhecidos pelo título de Gaon, que foram os herdeiros dos “Emoraim” e, assim, uma fonte primária para a explicação do Talmud.

O período dos Emoraim (242 D.C. à 550 D.C.) iniciou quando a Mishná foi codificada. “Emoraim” vem do verbo “Amar” que significa “falar” ou “interpretar”, isto é, eles foram os intérpretes da Mishná.<sup>54</sup>

Todos os sábios que surgiram após a compilação do Talmud e estudaram-no com profundidade, tornando – se famosos por sua sabedoria e erudição são chamados de

(51) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 54 – 65.

(52) Idem. Ibidem. pg. 32 – 43.

(53) Idem. Ibidem. pg. 32 – 43.

(54) Idem. Ibidem. pg. 54 – 76.

“Gueonim” (550 D.C. à 1050 D.C.). Eles ensinaram o método do Talmud, elucidaram suas partes obscuras e explicaram os vários tópicos com os quais eles lidavam.<sup>55</sup>

Neste período os judeus deslocavam-se em direção a países como Espanha, Marrocos, Itália, Alemanha, França, Inglaterra e norte da África.

Vários sábios escreveram obras para resolver o problema, porém três grandes sábios, Moisés, Maimônides (Rambam)<sup>58</sup>, no Egito, Rabino Yitzchak Alfasi (Rif)<sup>59</sup>, em Marrocos e o Rabino Asher (Rosh)<sup>60</sup>, na Alemanha e depois na Espanha, compilaram três obras de leis judaicas, com a intenção de facilitar e foram os mais reconhecidos e estudados por todo o povo.<sup>61</sup>

Maimônides rescreve a Lei Oral em hebraico simples. Em seu prefácio Rambam escreve:

*“uma pessoa somente precisava aprender a Torá e a Mishná Torá, para saber a lei judaica”.*<sup>62</sup>

A obra de Maimônides chamava-se “Mishnê Torá”, que trata de forma objetiva como o ser humano deve se comportar, pensar e agir em todos os sentidos da vida.

Maimônides cita no seu trabalho 248 preceitos positivos e 365 preceitos negativos a serem seguidos pelos judeus, além das “Sete Leis dos Filhos de Noé”, que são princípios éticos e religiosos de aplicação universal.<sup>63</sup>

Por sua vez, o Rabino Yitzchak Alfasi (Rif) compilou as discussões da Guemará, somente citando aquelas relevantes à interpretação da lei, enquanto que o Roch escreveu um comentário sobre as leis de cada tratado da Guemará.<sup>64</sup>

No final do século XV e início do século XVI, em que vivem os Achronim, (1480 D.C.), nome dado aos sábios da época, foi realizada uma compilação pelo Rabino Yossef Caro, de Tsefat, Israel, chamada de “Shulchan Aruch” (“Mesa Posta”). Esta obra divide-

---

(55) Steinsaltz, Adin. Talmud Essencial. pg. 87 – 100.

(58) Nasceu em Córdoba em 1135, faleceu no Egito em 1204 e foi enterrado em Israel.

(59) Nasceu em 1013 em Marrocos e faleceu em Lucena. Espanha em 1103.

(60) Nasceu em 1250 na Alemanha e faleceu em 1327, em Barcelona.

(61) Isaacs, Jacob. Our People. History of The Jews.. vol. 5. pg. 118 – 151.

(62) Maimônides. Mishnê Torá. O Livro da Sabedoria. pg. 30.

(63) Isaacs, Jacob. Our People. History of The Jews. vol. 5. pg. 118 – 151.

(64) Isaacs, Jacob. Our People. History of The Jews. Vol. 5. pg. 85 – 90.

se em quatro partes: a primeira, chamada ORACH CHAIM é uma edição resumida das leis do dia a dia; IORÊ DEÁ, a segunda, trata do Cashrut, Leis dietéticas judaicas e leis de Niddah, de juramento e outras leis de uso ordinário mas não tão comuns; EVEN – HAEZER - sobre as leis referentes a casamento, divórcio, deveres do marido e da mulher; CHOSHEN MISHPAT – sobre as leis civis.<sup>65</sup>

Resta completar alguns dados a respeito dos ensinamentos morais, éticos, filosóficos e místicos na Torá, desde os primórdios até os dias de hoje.

Uma leitura superficial dos profetas nos dará uma visão ética filosófica que é bastante conhecida até hoje. O que é pouco comentado são os textos místicos de Isaías e Yechezkel, conhecidos como Maassé Manercavá (Os mistérios da Carruagem Divina), onde descreve-se a realidade metafísica dos mundos e seres espirituais e os segredos do Maassé Bereshit (Mistérios da Criação do Mundo) contidos em Gênesis e no Sefer Maretsirá (Livro da Criação), que já era do conhecimento de Avraham. Assim como as leis e idéias da Torá eles também foram transmitidos de geração em geração com apenas uma grande diferença: só eram transmitidas à discipulos devidamente seletos como os profetas e sábios da geração.<sup>66</sup>

Estes conhecimentos ajudam a aprofundar as idéias contidas nos textos legais. Vamos a uma rápida apresentação da seqüência da mística judaica.

Foram mencionados textos pré-sinaicos, como o “Livro de Raziel” e “Livro da Criação”. Moshé transmitiu seus conhecimentos místicos a Josué (Yehoshua) e Betzalel, o arquiteto do tabernáculo do deserto que por sua vez transmitiu aos sábios das gerações seguidas.<sup>67</sup>

Posteriormente o Rei Salomão foi receptor destes conhecimentos, transmitindo-os às futuras gerações. Ele registrou este material além das idéias morais e filosóficas nos seus livros bíblicos: Provérbios, Eclesiastes e Cânticos dos Cânticos.<sup>68</sup>

Os primeiros textos explícitos de Mística surgiram na época do Segundo Templo, como o Sefer Mebahir<sup>69</sup>, por Rabi Nehumia bem Mákane, e a obra mais completa de mística que foi compilada por Rabi Shimon bar Yochai, no período Mishnaico, conhecida

---

(65) Isaacs, Jacob. Our People. History of The Jews. vol. 5. pg. 85 – 90.

(66) Kaplan, Aryeh. Sefer Yetzikhah. The Book of Creation. pg. 250.

(67) Idem. Meditation and Kabbalah. pg. 252.

(68) Idem. Ibidem. pg. 252 – 260.

(69) Idem. O Bahir: O Livro da Iluminação. pg. 200.

como o Zohar ( O Brilho Esplendor) que é baseada nos versículos do Pentateuco, como as obras legais do Sifrê e Sifrá. É considerada a obra clássica básica da Cabala<sup>70</sup> (Tradição Mística Judaica). O Talmud e o Midrash também contêm inúmeras referências ao Maassé Bereshit e Maassé Manercavá.<sup>71</sup>

No período dos Gueonim (550 D.C. a 1050 D.C.) são encontrados comentários do Rabi Saadia Gaon sobre o Sefer Maietsirá e outros temas místicos além da sua obra básica da filosofia judaica a “EMUNOT VE LEOT” (Fé e Idéias).<sup>72</sup>

No período dos Rishonim (1050 D.C. a 1450 D.C.) há inúmeras obras de filosofia: Maimônides (“Guia dos Perplexos”; ‘Os Oito Capítulos’); de mística, de seu filho Avraham ( “Obra Suficiente para os seguidores do serviço de D’us”); de Rashi e Tosfet (cerca de 1100 D.C. – 1200 D.C.); obras místicas e filosóficas de Nachmanides (1194 D.C. – 1270 D.C.); o Kuzari, de Rabi Yehuda Maleri; obras filosóficas, éticas; morais e místicas de Don Itschak Abravanel.<sup>73</sup>

A Cabala teve seus grandes expoentes em Rabi Moshé Cordonero (1522 D.C. a 1570 D.C.) e o maior cabalista de todos os tempos, o ARIZAL ( 1534 D.C. – 1572 D.C.). Este foi um período de grandes revelações até o surgimento do Rabi Chaim Luzzato (1707 D.C. – 1747 D.C.), e o próximo período de intensos estudos místicos iniciou-se com o Baal Shem Tov (1698 D.C. – 1760 D.C.) e o movimento chassídico, que deu continuidade a isto, até os dias de hoje.<sup>74</sup>

Finalmente com todas as obras relatadas, a tradição oral permanece a fim de nunca ser esquecida pelo povo judeu, no qual através de tantos períodos de perseguição e dificuldades, ainda continua a compilar trabalhos, para ampliar a compreensão da Lei Judaica que até os dias de hoje continua sendo aplicada em casos modernos e em relação as novas tecnologias, principalmente no tocante a vida no Estado de Israel.

---

(70) As obras de modo geral, de forma abrangente, podem ser divididas em: 1) Cabalá Teórica (Zohar); 2) Cabalá Meditativa (Sefer Mabahir); 3) Cabalá Prática (Sefer Maietsirá).

(71) Kaplan, Aryeh. O Bahir: O Livro da Iluminação. pg. 200.

(72) Fendel, Zechariah. Legacy of Sinai. pg. 118 – 151.

(73) Kaplan, Aryeh. Meditation and Kabbalah. pg. 252 – 260.

(74) Kantor, Mattes. The Jewish time line encyclopedia. – A Year by Year History from creation to the presente. pg. 300.

### III – NIDDAH

#### 3.1 – Origem do Conceito de Niddah:

*“D’us plantou um jardim do Éden, a leste, e ali colocou o homem que ele tinha formado. E D’us fez com que do solo crescessem todas as árvores que são agradáveis de ver e boas para comer – e a Árvore do conhecimento do Bem e do Mal. E um rio saiu do Éden para regar o jardim, e dali ele se dividiu, e formou quatro nascentes. E D’us pegou o homem e o colocou no Jardim do Éden para trabalhá-lo e observá-lo. E D’us ordenou ao homem, dizendo, “De cada Árvore do jardim, poderás comer. Mas da Árvore da Sabedoria no meio do Jardim, não poderás comer – porque no dia que dela comeres, morrerás”.<sup>1</sup>*

Este relato conta que D’us criou o homem, e depois o colocou no Jardim de Éden, que representa o estado aperfeiçoado do homem.<sup>2</sup>

Quando o homem foi colocado no Jardim de Éden, ele recebeu um mandamento – abster-se de comer o fruto da Árvore da Sabedoria. Porém a serpente tenta Eva a desafiar o mandamento e, assim seduziu Adão e comeram o fruto proibido. Após este ato, os dois foram expulsos do Éden e tiveram que lutar pela sobrevivência no mundo externo. Este momento representa o “Estado imperfeito do homem hoje em dia”.<sup>3</sup>

O homem no Jardim do Éden era uma criatura equilibrada, sem nenhum problema e nem compulsão para o mal. A inclinação do homem era de viver em perfeita harmonia tanto física quanto espiritualmente.<sup>4</sup>

Este era o estado do homem no Éden. Ele vivia uma vida idílica, sem trabalho nem esforço.<sup>5</sup>

---

(1) Gênesis 2:8 – 17.

(2) Kaplan, Aryeh. As águas do Éden : O mistério do Micvê. pg. 51.

(3) Idem. Ibidem. pg. 52.

(4) Idem. Ibidem.

(5) Idem. Ibidem.

O alimento estava ao alcance de sua vontade, e ele não precisava nem de roupas, nem de refúgio.<sup>6</sup>

O mal não fazia parte do homem, era uma força externa que podia ser evitada facilmente.

Este mal era representado pela serpente no Jardim que fazia parte da composição do homem, era algo externo a ele.<sup>7</sup>

O homem recebeu o mandamento de não comer do fruto da árvore do Bem e do Mal. Nesta Árvore o bem e o mal estavam misturados de tal modo que não podiam ficar separados. Tendo compartilhado desta árvore, esta mistura tronou-se a verdade do ser humano.<sup>8</sup>

No momento do pecado o mal tornou-se parte integrante do ser, isto é, o homem era agora uma mistura do Bem e do Mal e teria que passar todos os seus dias lutando contra este impulso e tentando vencê-lo. A própria essência do homem agora estava cheia de contradições. Sua vida tornou-se cheia de conflitos, fazendo com que uma sociedade perfeita fosse impossível.<sup>9</sup>

No Jardim do Éden o homem teria sido capaz de atingir a perfeição física, espiritual e também teria vencido a morte e ganhado a imortalidade.<sup>10</sup> Quando o homem pecou e comeu da Árvore, ele perdeu sua oportunidade de ganhar a imortalidade, pois D'us disse: “No dia em que comer dela, certamente morrerás”.<sup>11</sup>

Após o pecado de Adão e Eva, eles foram expulsos do Éden onde neste momento adquiriram imperfeições tanto físicas como espirituais.<sup>12</sup>

De acordo com a Torá o Ser humano manifesta várias imperfeições oriundas do pecado original (Kaplan, 1992).

A Torá menciona algumas dessas imperfeições. Uma delas é a dor do parto. A Torá afirma que esta é uma manifestação de imperfeição humana: “Eu aumentarei a tua angústia durante a gravidez – com angústia darás a luz”.<sup>13</sup>

---

(6) Talmud Babilônico. Tratado Kiddushim 4 : 4 pg. 82 A.

(7) Zohar, 1. Pg. 35 b.

(8) Kaplan, Aryeh. As águas do Éden : O Mistério do Micvê. pg. 54.

(9) Idem. Ibidem. pg. 54 – 55.

(10) Idem. Ibidem.

(11) Gênesis 2 : 17.

(12) Shulchan Aruch. Seção Yoreh Deah.

(13) Gênesis 3 : 16.

Outra manifestação segundo a Torá, é em relação ao corpo. Antes do pecado, a Torá diz ao homem: “Os dois, o homem e a sua esposa, estavam nus, mas não tinham vergonha”.<sup>14</sup> Porém, após o pecado, Adão declarou: “Eu tive medo, porque eu estava nú”<sup>15</sup>

Segundo comentários dos sábios judeus esta atitude, indica a mudança que o ser humano obteve em relação ao seu corpo.<sup>16</sup>

Segundo Kaplan:

*“Outra área onde a imperfeição fica evidente, é a do sexo e da reprodução. Uma manifestação disso é o ciclo menstrual, que é ineficiente, incômodo e nada estético”.*<sup>17</sup>

Em sua visão, o organismo deveria reabsorver o óvulo e a camada endométrica, e sendo assim a mulher não teria perda de sangue nem incômodo neste período.

De acordo com os sábios judeus: “A menstruação é resultado do pecado da humanidade”.<sup>18</sup>

O Talmud coloca que o “Status de Niddah”<sup>19</sup> é um sinal de imperfeição do processo de reprodução. Sempre que uma mulher estiver menstruada não poderá participar deste processo reprodutor.<sup>20</sup>

Sendo assim, na religião judaica a mulher é considerada impura quando está menstruada.

### 3.2 - Conceito de Niddah e Menstruação: Tameh e Tahor

Entre os mandamentos mais difíceis de se entender, nos conceitos judaicos estão os relativos à Niddah e a Menstruação.

A Torá define que o Status de Niddah se inicia a partir do início do ciclo menstrual da mulher, até que ela realize o banho ritual no Micvê.<sup>21</sup>

---

(14) Gênesis 2 : 25.

(15) Idem. Ibidem.

(16) Kaplan, Aryeh. As águas do Éden.: O Mistério do Micvê. pg. 70.

(17) Idem. Ibidem.

(18) Talmud Babilônico. Tratado Shabat. . pg. 32 A.

(19) Período que compreende o primeiro dia da menstruação até o banho ritual de purificação.

(20) Talmud Babilônico. Tratado Niddah 2 : 7.

(21) Micvê – piscina de água natural no qual a mulher após o período menstrual realiza o banho ritual.

Assim está na Torá:

*“E uma mulher, quando tiver o fluxo de sua carne de cor sangüínea, sete dias ficará separada (Niddah) na sua impureza”.*<sup>22</sup>

*“E se limpar-se de seu fluxo, contará para si sete dias e depois se purificará”.*<sup>23</sup>

A palavra em hebraico Niddah vem da palavra Naddah, significando “removido” ou “separado”. A palavra se refere a menstruação, mas à necessidade de separação. Nesta tradução a palavra indica que ela deve suprimir todo contato físico com seu marido.<sup>24</sup> Assim está num dos mandamentos da Torá:

*“Não chegarás perto de descobrir a nudez de uma mulher que está com Niddah”.*<sup>25</sup>

Apesar das Leis de Niddah serem geralmente observadas dentro do contexto do casamento, elas também são importantes para as moças solteiras. Desde a época em que uma moça começa a menstruar, ela assume o Status de Niddah, esteja ela casada ou não.<sup>26</sup> Desde o momento de sua primeira menstruação, até emergir no Micvê no casamento, ela conserva este estado, pois o Judaísmo proíbe a relação sexual antes do casamento, nos termos mais rigorosos. Isto a Torá afirma: “Não haverá prostitutas entre as filhas de Israel”.<sup>27</sup>

Segundo a Torá a prostituição inclui todas as relações sexuais fora do casamento, e não precisa de remuneração.<sup>28</sup>

Uma mulher assume o Status de Niddah, mesmo quando uma gota minúscula de sangue é eliminada pelo seu útero. Seja ela solteira, casada, grávida ou amamentando.<sup>29</sup>

Os sábios decretaram que uma mancha ou uma secreção de cor avermelhada ou escura, encontrada na roupa que ela esteja usando ou no lençol de sua cama, e que venha

---

(22) Levítico 15 : 19.

(23) Levítico 15 : 28.

(24) Kaplan, Aryeh. *As águas do Éden : O Mistério do Micvê*. pg. 31.

(25) Levítico 20 : 18.

(26) Shulchan Aruch. Seção Yoreh Deah 183 : 1.

(27) Deuteronomio 23 : 18.

(28) Kaplan, Aryeh. *As águas do Éden : O Mistério do Micvê*. pg. 34.

(29) Idem. *Ibidem*. pg. 32 – 33.

de seu útero é considerada na religião judaica como Tameh, isto é, ritualmente impura. Constatado que é sangue, a mulher neste momento adquire o Status de Niddah, havendo a necessidade de separar-se do contato físico com seu marido.

Qualquer secreção de cor diferente da avermelhada ou clara a mulher é considerada Tahor, isto é, ritualmente pura. Sendo constatado que não é sangue não precisa se separar do marido.

Segundo a Halachá (Lei Judaica), existem algumas considerações<sup>30</sup> a serem levadas para que a mulher seja considerada Tameh (ritualmente impura) ou Tahor (ritualmente pura). São elas:

1. – Se a mancha for maior que o tamanho de um grão, e a cor da mancha for avermelhada ou escura, ela é considerada Tameh. Se o tamanho da mancha for menor e a cor diferente, isto é, não avermelhada, a mulher é considerada Tahor.

O tamanho corresponde a um círculo de 14 milímetros (cerca de 0,55 polegadas) no diâmetro ou aproximadamente 153 milímetros quadrados.

2. – Se a mancha for encontrada em alguma coisa que não seja MEKABEL TUM'AH<sup>31</sup>, tal como algodão natural, lã, no chão, num pedaço fino de papel, ou num pano que é inferior a 57 milímetros quadrados, ela é considerada Tahor, embora ela saiba que o sangue provém de seu corpo. Porém se ela for encontrada em algo que é MEKABEL TUM'AH, tal como numa vestimenta ou alguns tipos de utensílios, ela pode ser considerada Tameh.
3. – Se a mancha for encontrada numa roupa branca ela é considerada Tameh. Mas se ela for encontrada numa roupa colorida, seja ela vermelha ou qualquer outra, a mulher é considerada Tahor. Os sábios portanto aconselham que uma mulher deve se vestir com roupas coloridas nos dias em que esteja Tahor para evitar os problemas de manchas.

---

(30) Estas considerações não se aplicam nos casos em que o sangue foi encontrado de tal forma que indicaria outra origem que não o útero. Ex. ferimento, pulga, etc. – Dubov, Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Dinei Taharat.

(31) MEKABEL TUM'ASH – aceitação de impunidade ritual. Somente certos materiais e classes de utensílios podem ser considerados MEKABEL TUM'ASH, isto é, entrar num estado de impunidade ritual.

O período menstrual é denominado “veses” pelos sábios judeus. Quando o princípio do ciclo é previsto, o marido deve separar-se de sua esposa, no “ONAH”,<sup>32</sup> completo no qual o início do ciclo é esperado.

Quando o início previsto da menstruação é durante o dia, eles precisam separar-se aquele dia inteiro; quando é durante a noite, eles precisam separar-se aquela noite inteira. Dia e noite nesses casos são fixados mediante o nascer e o pôr do sol; dia compreende do nascer do sol ao pôr do sol, e noite do pôr do sol ao nascer do sol.

A obrigação da separação restringe-se somente a relações conjugais. É louvável ser rigoroso mesmo em relação a beijos e abraços, já que esta expressão poderá levá-los a uma relação sexual.<sup>33</sup>

A mulher deve examinar-se no momento do dia que ela espera que seja seu período menstrual ou depois, dentro de “onah” do início previsto. Isto se aplica mesmo quando ela não sente sintomas especiais associados a menstruação.

Se não houver exame durante o “onah” e não sentiu nenhum fluxo de sangue, a lei é a seguinte: se tratar-se de um ciclo menstrual regular, isto é, seu período se manifesta regularmente na mesma época, a coabitação é proibida até ela examinar-se. Mesmo quando passou um tempo considerável, ela ainda precisa examinar-se e após isso a coabitação pode ser retomada. No caso de tratar-se de um ciclo irregular, uma vez passado o “onah”, a coabitação é permitida sem verificação.

### 3.2.1 – Leis de Niddah referente ao Parto

Segundo a Torá, uma mulher que tenha dado a luz, quer a criança viva ou natimorta, é considerada na condição de Niddah, isto é, se faz necessário a separação do casal.

Ela deve efetuar o HEFSEK TAHARAH<sup>34</sup> e assim que for (fisicamente) possível, fazer a contagem dos sete dias limpos.

---

(32) Período de tempo, seja do pôr do sol ao nascer do sol (uma noite ONAH), ou do nascer do sol ao pôr do sol (um dia ONAH).

Dubov, Rabbi Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Dinei Taharat.

(33) Idem. Ibidem.

(34) Ritual de verificação do término do ciclo menstrual no Judaísmo. Este ritual será explicado quando falarmos sobre os deveres da mulher no período de impureza até o banho ritual no Micvê.

Após a imersão a mulher estará ritualmente pura.

Se uma mulher aborta e não conhece o sexo do feto, ela não deve emergir no Micvê até o 15º dia caso o aborto tenha ocorrido após 40 dias da concepção. Caso ela tenha abortado dentro dos 40 dias, não é considerado um feto para tornar-se Tameh. Do ponto de vista da Lei Judaica, um embrião não tem nenhum status de ser humano até 40 dias após a concepção.<sup>35</sup>

Porém quando ocorre um aborto, vai existir um sangramento e por este motivo a mulher adquire a condição usual de Niddah, mesmo que ela não tenha visto sangue, pois os sábios do povo judeu por tradição sustentam que o útero não pode se abrir sem emitir sangue.

Se no caso de um nascimento através de cesariana, o sangue advém somente da operação, a mãe é considerada Tahor, isto é, ritualmente pura.

### 3.2.2 – Leis de Niddah referente a mulheres grávidas, mulheres amamentando e mulheres idosas

Pela halachá judaica, uma mulher, três meses após a concepção cuja gravidez é constatável, e uma mãe amamentando, é considerada ritualmente pura, neste caso a relação sexual entre o casal é permitida.

Uma mulher relativamente idosa que não tenha menstruado por três meses consecutivos e presume ter cessado de menstruar, é considerada Tahor. Porém, se menstruar três vezes subseqüentes seu status halahico é o mesmo daquele de qualquer outra mulher que menstrue normalmente.

### 3.2.3 – Leis de Niddah da Noiva

Toda noiva, que seja virgem ou não precisa antes do casamento, executar um hefsek taharah, contar sete dias limpos e emergir no Micvê, da mesma forma que qualquer outra mulher considerada Niddah. Este procedimento<sup>36</sup> deverá ser feito somente após o estabelecimento da data do casamento.

---

(35) Talmud Babilônico. Tratado de Niddah 3 : 7.

(36) Estes procedimentos serão explicados mais adiante.

A imersão no Micvê deverá ser tão próxima quanto possível do dia do casamento e não mais do que quatro noites anteriores a ele, pois após a imersão a mulher fica pronta para a relação sexual.

Deve-se tentar marcar o casamento numa época na qual é esperado que a noiva esteja Tahor, isto é, ritualmente pura. Caso isto seja possível ou se ela se torne uma mulher na condição de Tameh, isto é, ritualmente impura, antes do seu casamento ou após ele e antes das relações maritais, ela e o noivo estão proibidos de manter relações sexuais até o fim do período de Niddah que ela adquiriu após o aparecimento do sangramento.

Caso a noiva esteja no período Tameh no dia do casamento, o costume consiste em que ela informe ao noivo sobre essa condição antes da cerimônia. Este comunicado serve para que o noivo saiba que o contato não será possível.

A mulher estando em estado de Tahor, a relação sexual na primeira noite é permitida.

Na relação sexual, quando o hímen é rompido, a mulher é considerada Tameh, mesmo tendo ou não sangramento. Neste momento o homem deve se separar da mulher. Ela adquire o status de Niddah e o ritual de procedimento da verificação e contagem começa dos sete dias limpos até o dia do banho ritual no Micvê. Após o período de separação as relações sexuais são retomadas.

### 3.3 – Conduta do casal durante o período de “impureza” da mulher judia

Na religião judaica, quando uma mulher se torna Tameh, isto é, ritualmente impura, por ter iniciado o seu ciclo menstrual, a mesma adquire o status de Niddah. Neste momento ocorre a necessidade de separação entre marido e mulher.<sup>37</sup>

Durante este período o casal não pode Ter relações sexuais nem haver o toque entre eles como está escrito na Torá Escrita:

*“Não chegarás perto de descobrir a nudez da mulher que esteja como Niddah”.*<sup>38</sup>

---

(37) Dubov, Rabbi Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Dinei Taharat.

(38) Levítico: 18 : 19.

O contato entre o casal é proibido até que ela passe pelo processo de purificação, isto é, ela deverá fazer Hefsek Taharah<sup>39</sup>, contar os sete dias limpos e depois realizar o banho no Micvê.

Os sábios judeus decretaram várias leis<sup>40</sup> com a finalidade de manter a separação entre o casal durante o período de impureza. São elas:

1. O marido não pode proceder com leviandade com a sua esposa, nem dirigir-lhe palavras que conduzam à relações maritais.
2. O marido não pode olhar as partes do corpo de sua esposa que normalmente são cobertas, nem mesmo seus calcanhares. Todavia, ele poderá olhar aquelas partes usualmente descobertas. Entretanto, deverá ser cuidadoso quão possível para não olhá-la mais do que o necessário.
3. É proibido ouvi-la cantar, pois através do canto poderá ocorrer uma sedução.
4. Eles não poderão se tocar.
5. O casal não deve passar nada diretamente um ao outro. É proibido até mesmo jogar algo de um para o outro, ao invés disso, um deve colocar o objeto num local para o outro pegá-lo depois.
6. Da mesma forma eles não devem passar uma criança de uma mão para a mão do outro.
7. O casal não pode comer do mesmo prato. É permitido quando se pega do prato central, de maneira que uma pessoa pegue do prato e coloque no seu próprio prato antes de comer.
8. O marido não pode comer com a esposa na mesma mesa a menos que façam alguma divisão para servir como uma lembrança entre eles, tal como:
  - colocando entre eles um alimento para não ser utilizado;
  - colocando algum objeto entre eles, como uma garrafa, um talher, etc...
  - comendo em uma toalha de mesa separada, ou um deles come sobre a mesa e o outro usa a toalha de mesa.

É costumeiro não considerar uma mudança usual à mesa como uma distinção viável.

---

(39) Exame interno feito para verificar a completa cessação de sangue menstrual. Sem este exame, a mulher não pode iniciar a contagem dos sete dias limpos.

(40) Essas leis se encontram no Shulchan Aruch (código de Leis).  
Dubov, Rabbi Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Dinei Taharat.

9. O marido não deve beber ou comer as sobras dela exceto nos seguintes casos:
- se outra pessoa bebeu de seu copo no íterim.
  - se a bebida for despejada em outro copo, mesmo que tenha despejado de volta a seu copo original.
  - algumas autoridades religiosas sustentam que ele pode beber se ela estiver distante;
  - se ele não souber que ela bebeu do copo. A mulher não é obrigada a dizer-lhe que bebeu ou comeu naquele utensílio.
  - se ela bebeu todo o conteúdo do copo e foi enchido novamente, ele pode beber.

Todas as exceções acima, em relação a beber, são igualmente permitidas em relação a comer.

10. A ela é permitido comer e beber das sobras dele.
11. A esposa não pode encher o copo do seu marido com nada, exceto água, quando o copo estiver diretamente na frente dele.
12. Algumas autoridades religiosas proibem-na de colocar um copo ou um prato de comida em frente a ele. É permitido se ela mudar sua maneira de fazê-lo, como por exemplo usando sua mão esquerda ou colocando o copo ou prato não diretamente na frente dele.
13. Ao marido, é da mesma forma proibido encher o copo dela ou colocar um prato diante dela.
14. Ele não pode passar à ela o copo de vinho sobre o qual ele fez Kiddush.<sup>41</sup> Neste momento ela deverá pegá-lo por si própria.
15. Ele não pode dormir junto com ela na mesma cama, ainda que ambos estejam vestidos e não se toquem. Eles não podem deitar-se em camas separadas se as camas estiverem juntas. Deve-se portanto cuidar para que as camas estejam suficientemente separadas para assegurar que marido e mulher não se toquem mutuamente enquanto dormem.
16. O marido não pode sentar-se em sua cama ainda que ela não esteja presente, mas ela pode sentar na cama dele, mesmo que em sua presença. Entretanto, ela não pode deitar-se na cama dele enquanto ele estiver presente.

---

(41) Ritual que o povo judeu realiza para santificar o vinho na noite de Shabat (sexta à noite e sábado).

17. Eles não podem sentar juntos num assento que possa se mover ou girar devido a seu peso (em geral um sofá leve, um banco instável), mesmo que esse assento seja comprido e eles não se toquem. É permitido se o assento for fixo à parede ou suficientemente pesado para tornar-se irremovível.

Algumas autoridades religiosas permitem que eles se sentem num banco móvel desde que outra pessoa esteja sentada entre ambos.

18. Ela não pode colocar os lençóis e cobertores na cama dele na sua presença, mas pode fazê-lo na sua ausência. Ela pode, entretanto, arrumar as fronhas e almofadas na sua presença.

19. Ela não pode derramar água quente ou fria para ele lavar sua face, mãos ou pés. Algumas autoridades religiosas proibem-na de colocar a água defronte dele para lavar-se.

20. Se ele estiver doente, e não houver outra pessoa para cuidá-lo, ela poderá fazê-lo. Por exemplo: levantar ou abaixá-lo, amarrar ou desamarrar seus sapatos, segurar-lhe as coisas e encher seu copo. Se possível ela deverá fazer essas coisas diferentemente de sua maneira usual.

Ela deve evitar o máximo possível de preparar sua cama, ou lavar sua face, mãos ou pés. É permitido quando não houver outro recurso.

21. A ele é proibido cuidar dela enquanto estiver doente. É costumeiramente permitido quando não houver ninguém mais e ela tiver a maior necessidade.

22. Se o marido for médico, ele não pode pegar seu pulso, etc. É permitido se ela estiver muito doente e não houver outro tão competente quanto ele.

23. As mulheres, em seu período de Niddah não costumam ir à Sinagoga – a menos que elas costumem ir regularmente, ou se sintam deprimidas se não forem.

Elas estão, da mesma forma, acostumadas a não olhar para o “Sefer Torá”<sup>42</sup> e ir para a Sinagoga. Entretanto, esses são costumes, não proibições e nenhum deles se aplica durante os sete dias limpos<sup>43</sup>, isto é, quando o ciclo menstrual tenha terminado.

24. Pelo fato de estar a sós com sua esposa, quando esta se encontra na condição de Niddah é permitido somente por uma questão de necessidade, portar-se estritamente de conformidade com tudo antes mencionado.

---

(42) Rolo da Torá que se lê na Sinagoga.

(43) Será explicado no próximo item.

Todos os itens descritos como conduta necessária entre marido e mulher no período de Niddah, servem como lembrete de impureza da mulher.

3.4 – Hefsek Taharah: Verificação do término do ciclo menstrual e a contagem dos sete dias limpos<sup>44</sup>.

*“Ela deverá contar sete dias limpos e depois estará purificada”*<sup>45</sup>.

Toda mulher que tenha se tornado Tameh através de ter visto sangue, uma mancha ou sentido um expelimento do seu útero, deve esperar no mínimo cinco dias, isto é, o término do ciclo menstrual e então iniciar a contagem dos sete dias limpos.

Os sete dias limpos começam após ela ter feito o hefsek taharah, isto é, uma verificação a qual se apura se a menstruação cessou totalmente. Por exemplo: se ela viu sangue no Domingo, ela espera até Quarta-feira. No final da Quinta-feira, se a menstruação cessou ela faz um hefsek taharah, e inicia a contagem dos sete dias limpos a partir de Sexta-feira.

O processo de hefsek taharah se inicia no quinto dia. A mulher deve lavar seu corpo completamente para que possa remover qualquer vestígio de sangue. Após o banho a mulher deve pegar um “Ed”. Ed é um pano para verificação: este pano deve ser de cor branca, feito de lã macia, algodão ou linho lavado. A mulher deve introduzi-lo na vulva tão profundo quanto possível, movendo em todas as direções, nas fendas, rugas e dobras.

Para uma verificação apropriada, ela deve ficar com um pé sobre uma cadeira e o outro sobre o solo. Se ela não “checar” nas fendas e rugas, sua verificação e contagem subsequente não é válida. Se o pano após a verificação sair sem a cor avermelhada ou escura ela poderá iniciar a contagem dos sete dias limpos. Caso o pano não esteja limpo, ela deve “checar” quantas vezes forem necessárias para determinar a cor limpa do pano antes do pôr do sol.

Esta verificação deve ser concluída antes do pôr do sol. É particularmente recomendável, após o referido exame introduzir um Moch Dochuk (pano apropriado) antes do pôr do sol e deixá-lo internamente até após o anoitecer, isto é, quando surgir as três

---

(44) Levítico 15:28.

(45) Dubov, Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Denei Taharah

estrelas<sup>46</sup>. Então se remove o pano e o examina na manhã seguinte à luz do dia.

Se o pano estiver limpo, ela deverá iniciar a contagem dos sete dias limpos.

Após o hefsek taharah ter sido completado de forma válida, ela deverá vestir-se com roupas íntimas de cor branca, pois servirá para encontrar se for o caso alguma mancha. A roupa de cama deve ser de cor branca, com o mesmo intuito.

Em cada um dos sete dias limpos a mulher deve examinar-se duas vezes ao dia: uma pela manhã ao levantar-se e outra antes do por do sol. Ela também deve verificar suas roupas íntimas e de cama todo dia para ver se encontra alguma mancha.

Os sete dias limpos devem ser consecutivos. Se neste período a mulher observar o aparecimento de sangue ou alguma mancha, mesmo ocorrendo no final do sétimo dia, todos os dias não são considerados.

Neste caso ela deverá realizar novamente um hefsek taharah e novamente iniciar a contagem. Não sendo necessário neste caso, esperar cinco dias para a verificação.

---

(46) No Judaísmo o anoitecer se caracteriza após o aparecimento das três estrelas médias.

## IV. – MICVÊ

### 4.1 –O que é um Micvê e sua estrutura

Se faz necessário, antes de descrever como a mulher deve se preparar para a imersão e como é a imersão, esclarecer o que é um Micvê.

A palavra em hebraico Micvê significa uma “piscina” ou “conjunto de água”<sup>1</sup>. O único lugar onde o Micvê, como tal, é especificamente definitivo na Torá, é no versículo:

*“Somente uma fonte e uma jazida, um conjunto (Micvê) de água será puro”.*<sup>2</sup>

O lugar onde todas as regras e leis associadas ao Micvê são enumeradas, é na Torá Oral baseada na Torá Escrita.<sup>3</sup>

A primeira vista, um Micvê parece um pouco maior do que uma piscina pequena. Geralmente, a água chega até o peito, e ela tem a capacidade para três ou quatro pessoas de pé, confortavelmente.

Para facilitar o acesso, há degraus que descem na água do Micvê.

Existem seis condições<sup>4</sup> necessárias que um volume de água deve preencher antes de poder ter o seu status de um Micvê. São eles:

1. – O Micvê deve consistir de água. Nenhum outro líquido pode ser utilizado. Esta água tem que ser água de chuva natural. A água de nascente, nem o gelo derretido podem ser utilizados dependendo das condições.
  
2. – O Micvê deve ser construído no chão, ou ser parte integrante de um edifício fixado

---

(1) Sozinha a palavra Micvê aparece só uma vez na Bíblia, em Isaias 22 : 11. Nos demais casos, comumente é chamada de uma “reunião de águas”. Gênesis 1 : 10, Êxodo 7 : 10.

(2) Levítico 11 : 36.

(3) Talmud de Jerusalém. Tratado Chagigah 1 : 8 – pg. 7a.

(4) Shulchan Aruch. Seção Yoreh Deah. 201 : 23, 201 : 6, 201 : 2, 201 : 3, 201 : 34.

no solo. Ele não pode ser formado por nenhum recipiente que possa ser desconectado e levado embora, como uma banheira, um tanque ou um barril.

3. A água de um Micvê não pode estar correndo ou fluindo. A única exceção a esta regra é uma fonte natural, ou um rio cuja água deriva principalmente de nascente. (Yoreh Deah, 201 : 2).
4. – A água do Micvê não pode ser dirigida ( sha'uvim), ou seja, ela não pode ser trazida para o Micvê através de intervenção humana direta.
5. – A água não pode ser canalizada para o Micvê através de nada que possa ficar impuro. Por esse motivo, ela não pode fluir para o Micvê através de canos ou recipientes feitos de metal, argila ou madeira.
6. – O Micvê deve conter pelo menos 40 as'h. A as'ah é uma antiga medida bíblica. Equivale aproximadamente a 200 galões de água.

O uso do Micvê não se restringe somente ao banho ritual que a mulher realiza após o período de Niddah. Também é utilizado para a conversão ao Judaísmo. Se faz necessário que o homem ou a mulher que queiram se converter ao Judaísmo faça a imersão no Micvê, já que o banho representa uma mudança de status e não uma limpeza corporal.<sup>5</sup>

Os utensílios de cozinha como pratos, copos e outros devem ser imersos no Micvê antes de serem utilizados, como diz a Torá:

*“O ouro, a prata, o cobre, o ferro, o estanho e o chumbo – tudo o que vem através do fogo, haveis de trazer através do fogo – e ficará puro somente se for purgado em água para uma Niddah. E tudo o que não vem através do fogo somente precisareis trazer através da água”.*<sup>6</sup>

Além dessas ocasiões nas quais se costuma usar o Micvê, existe outro costume.

---

(5) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 31 – 48.

(6) Números – 31 : 22, 23.

Este é referente aos homens judeus. Antes de iniciar uma data religiosa importante como Yom Kipur (dia do perdão) ou Shabat (Sábado – dia do descanso para o povo judeu), os homens costumam imergir no Micvê para a purificação e limpeza espiritual.<sup>7</sup>

Após ter dado uma visão da estrutura do Micvê, retornaremos ao nosso assunto original, isto é, sobre o processo que a mulher percorre até uma renovação das relações sexuais com o seu marido.

#### 4.2 – Objetivo da imersão no Micvê: um ritual de mudança de status

Na antiguidade, segundo a Torá, um dos objetivos do uso do Micvê era para a purificação ritual. Havia algumas situações que tornavam uma pessoa Tameh, isto é, ritualmente impura. A pessoa neste estado não podia entrar no Templo Sagrado em Jerusalém (Beit Hamikdash). A Torá<sup>8</sup> relata várias formas de tornar a pessoa ritualmente impura, com penalidade severa àquelas que entrassem no Templo em estado de Tameh. Para a mudança deste estado a solução era a imersão no Micvê.<sup>9</sup>

A Torá comenta existir áreas particularmente especiais do uso do Micvê como forma de mudança de estado.<sup>10</sup>

Uma dessas áreas envolve a Aarão e seus filhos na consagração como sacerdotes (Kohanim). Esta consagração foi realizada logo após a saída do povo judeu como escravos da terra do Egito. Após a consagração, Aarão e seus filhos foram os sacerdotes do Santuário Mishkan, construído no deserto onde foram colocadas as tábuas de pedra que Moisés recebeu no Monte Sinai.<sup>11</sup>

Os descendentes de Aarão retiveram este status de sacerdotes, numa linha ininterrupta até hoje em dia.<sup>12</sup>

A Torá comenta que um passo na consagração de Aarão e seus filhos como sacerdotes foi a imersão:

---

(7) Kaplan, Aryeh. *As Águas do Éden : O Mistério do Micvê*. pg. 47 – 48.

(8) Números, 19 : 13, 20.

(9) Kaplan, Aryeh. *As Águas do Éden : O Mistério do Micvê*. pg. 67 – 76.

(10) Idem. *Ibidem*.

(11) Existem três linhas de descendência do povo judeu; Kohen, Levi e Israel.

(12) Kaplan. Aryeh. *As Águas do Éden : O Mistério do Micvê*. pg. 67.

*“E Aarão e seus filhos farão chegar à porta da tenda de assinação e os banharás com água”.*<sup>13</sup>

e

*“E fez chegar a Moisés a Aarão e os filhos e os fez imergir na água”.*<sup>14</sup>

Kaplan comenta:

*“Neste caso, a imersão no Micvê não envolvia purificação, mas uma mudança de status, uma elevação de um estado para outro. Originariamente Aarão e seus filhos, não eram diferentes do restante do povo, mas após a imersão, atingiram o novo status de sacerdotes”.*<sup>15</sup>

Outra área que envolve o Micvê está na Torá<sup>16</sup>, onde é relatado o ritual que o Kohen Gadol (Grande Sacerdote) realizava para que no dia de Yom Kipur, isto é, no dia do perdão para o povo judeu, pudesse ir ao Templo Sagrado e entrar na sala onde estavam as tábuas de pedra dada para Moisés pelo Divino.

Este tipo de cerimônia exige um grande nível de limpeza espiritual, com isto, eles imergiam no Micvê.<sup>17</sup>

Para clarificar o assunto, um exemplo de mudança de status, com a imersão no Micvê, é a conversão ao Judaísmo. O Talmud afirma que:

*“Assim que o convertido imerge e emerge, ele é como um judeu sob todos os aspectos”.*<sup>18</sup>

Um outra citação do Talmud confere ao Micvê um significado paralelo ao do útero:

*“ Um convertido que abraça o Judaísmo é como um novo recém-nascido”.*<sup>19</sup>

Na explicação talmúdica, uma pessoa que emerge no Micvê é muito parecido com

---

(13) Êxodo 29 : 4.

(14) Levítico 8 : 6.

(15) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden : O Mistério do Micvê. pg. 24.

(16) Levítico 16 : 4.

(17) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden : O Mistério do Micvê. pg. 24 – 26.

(18) Talmud Babilônico. Tratado de Rashi Iebamot. pg. 47 B.

(19) Talmud Babilônico – Tratado de Iebamot. pg. 22A, 48B, 62<sup>A</sup>, 97B.

Talmud Babilônico – Tratado Becharot. pg. 47A.

Talmud Babilônico – Tratado Sanhedrim. pg. 71B.

um processo de renascimento.

Segundo o Talmud<sup>20</sup> o útero é um lugar desvinculado dos conceitos de impureza, isto é, um lugar totalmente puro. Quando a criança nasce, ela se encontra num estado total de pureza.<sup>21</sup>

Assim quando um indivíduo entra no Micvê, ele deixa toda a sujeira e impureza atrás dele, e emerge como uma nova pessoa, purificada.<sup>22</sup>

Após as citações da Torá e do Talmud, demonstrando que a imersão no Micvê simboliza uma mudança de status espiritual do indivíduo, Kaplan cita que:

*“A imersão na purificação ritual que envolve o mesmo conceito. A água não está lavando nenhuma sujeira. O Micvê está mudando o estado espiritual do indivíduo, do Tameh (impuro) para Tahor (puro). Na realidade, esta purificação é uma mudança de estado, não um processo de limpeza”.*<sup>23</sup>

esta citação que Kaplan faz, se refere ao processo de purificação, tanto no homem como na mulher. O Rabino Sober Baumgarten, comenta:

*“que a obediência a esta lei de imersão, não se refere a higiene, saúde e limpeza, pois a mulher deve estar fisicamente limpa antes de entrar no Micvê. Sendo assim, o propósito principal é santificação e a purificação espiritual”.*<sup>24</sup>

Outra citação de Baumgarten em relação a imersão é:

*“Um procedimento religioso, que proporciona a mulher o selo de santidade e respeito. Com tudo isto é uma situação físico - espiritual e não apenas de ordem física, penetra na esfera da interação da matéria e espírito, do corpo e alma, admitida como mistério dos mistérios”.*<sup>25</sup>

(20) Mishná Ohalot 7 : 4, 5 – Chulim 4 : 3.

(21) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden : O Mistério do Micvê. pg. 51 – 65.

(22) Idem. Ibidem.

(23) Idem. Ibidem. pg. 25.

(24) Baumgarten, Dober. Vida Matrimonial Judaica. Pg. 29.

(25) Idem. Ibidem.

### 4.3 – A Origem do Micvê

*“E um rio saía do Éden para regar o jardim, e dali se espalhava e convertia-se em quatro cabeceiras ...”.*<sup>26</sup>

A questão da purificação, isto é, a mudança de status no Judaísmo, só ocorre quando uma pessoa imerge no Micvê, como foi explicado no item anterior.

Para que exista essa mudança, as leis judaicas exigem que as águas do Micvê sejam naturais, isto é, de fontes de nascente.

Esta lei, vem de uma colocação do Talmud:

*“Toda água do mundo, derradeiramente, tem sua raiz no rio que emergiu do Éden”.*<sup>27</sup>

Em Gênese é relatado os quatro rios que envolviam várias terras:

*“E um rio do Éden, para regar o jardim; e dali se espalhava e convertia-se em quatro cabeceiras”.*<sup>28</sup>

*“O nome de um: Pison (Pishon), o que rodeia toda a terra de Havitá, que ali se acha ouro”.*<sup>29</sup>

*“O nome do segundo: Gihon (Guihon), o que rodeia toda a terra de Kush (Etiópia)”.*<sup>30</sup>

*“E o nome do rio terceiro: Hidekel (Tigre) o que corre ao Oriente de Assur, e o rio quarto: é o Perat (Eufrates).”*<sup>31</sup>

Kaplan, coloca que este rio:

*“é a fonte espiritual de todas as águas. Mesmo que uma pessoa não possa entrar no próprio Jardim de Éden, sempre que se associa com esse rio ou qualquer água – ela está restabelecendo sua ligação com o Éden. Então, quando uma pessoa imerge nas águas do Micvê, ela também está restabelecendo uma ligação com o estado aperfeiçoado do homem. Depois, ela perde seu estado de Tameh, e renasce num estado de Tahor (Pureza)”.*<sup>32</sup>

(26) Gênese 2 : 10.

(27) Talmud Babilônico – Tratado Becherot. pg. 55 a.

(28) Gênese 2 : 10.

(29) Gênese 2 : 11.

(30) Gênese 2 : 19.

(31) Gênese 2 : 14.

(32) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 58.

Segundo Kaplan:

*“A água do Micvê tem que chegar em seu estado natural, e não pode ficar em contato com o homem em estado de exílio espiritual. De modo similar, ela não deve passar através de nada que seja capaz de ser corrompida, porque isso também quebraria seu elo direto com o rio do Éden”.*<sup>33</sup>

Os sábios judeus associam a palavra Micvê com a palavra KOVMAH, que possui as mesmas letras. Esta palavra em hebraico significa “ficar ereto” ou “levantar-se”.<sup>34</sup> E eles colocam que é através do Micvê que o ser humano “sabe” das coisas associadas com o estado degradado e restabelece um vínculo com o estado aperfeiçoado que é o Éden”.<sup>35</sup>

O Talmud diz que apesar do homem ter sido expulso do Éden, D’us manteve um vínculo com ele que seriam as águas naturais .

#### 4.4 – A higiene da mulher antes da imersão

Imediatamente antes da imersão, a mulher é obrigada a verificar e examinar seu corpo inteiro, cabelos, unhas, para assegurar que não possui nenhuma substância (algo que possa interferir no contato da água com o corpo – em hebraico: chatzitzah) nela que possa interferir que a água do Micvê toque o seu corpo.

Antes da verificação dessa possível substância, a mulher deve banhar-se em água morna, limpar e esfregar o corpo inteiro, inclusive aquelas partes onde os cabelos possam ser concentrados com shampoo e / ou sabonete.

Quando a mulher se lavar, deverá pentear os cabelos sobre sua cabeça e levantar os cabelos encontrados em outras partes do corpo.

Esta limpeza deve ser iniciada durante o dia, próxima a sua imersão. Portanto, ela precisa iniciar a limpeza enquanto for dia, e continuar até após o anoitecer, isto é, quando aparecer as três estrelas, seguida pela imersão. A imersão deve ser feita a noite.

No recinto onde se encontra um Micvê, existe um banheiro com todo o conforto e material necessário para a limpeza descrita.

---

(33) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 81 – 95.

(34) Zohar, 19 : 39 A.

(35) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden : O Mistério do Micvê. pg. 81 – 95.

#### 4.5 - Ritual de imersão

*“E quando estiver limpo de seu fluxo, quem o tiver, contará para si sete dias desde sua limpeza para sua purificação e lavará suas vestes e banhará sua carne nas águas vivas, e será pura”.*<sup>36</sup>

Após os sete dias limpos completos, sendo feita a limpeza corretamente, como foi descrito no item 4.2, a mulher judia deve imergir à noite.

Este ritual deve ser realizado na época certa, principalmente se o seu marido estiver em casa, por este motivo não se adia para o dia seguinte.<sup>37</sup>

Antes de entrar no Micvê é necessário examinar detalhadamente seu corpo inteiro, e sentir com as suas mãos aqueles lugares que não podem ser vistos. Se não houver este exame a imersão é considerada inválida.<sup>38</sup>

Se a mulher sentir que está com uma necessidade fisiológica, ela deverá realizá-la antes da imersão, pois o ritual deve ser feito com, absoluta concentração.<sup>39</sup>

Esta imersão deve ser realizada de forma paciente e descontraidamente, sem pressa ou confusão. Portanto não deve imergir num lugar onde, por exemplo, os homens possam vê-la, pois nesse caso poderá se apressar e não ter o devido cuidado com sua imersão.<sup>40</sup>

Quando estiver concentrada e se sentir preparada, a mulher deverá iniciar a imersão.<sup>41</sup>

Ela deverá descer os degraus do Micvê e ficar em pé, no fundo dela. As águas devem, no mínimo, estar a 30 centímetros (cerca de 12 polegadas) acima de seu umbigo. Não é permitido que a mulher fique sobre qualquer utensílio ou objeto quando entrar no Micvê. Se ocorrer este fato a imersão é invalidada.<sup>42</sup>

A água tem que estar limpa. Se a mulher observar que existe lama no fundo, isto faz com que ela não entre no Micvê.<sup>43</sup>

---

(36) Levítico 15 : 13.

(37) Dubov, Rabbi Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Dinei Taharat. pg. 1 – 62.

(38) Idem. Ibidem.

(39) Idem. Ibidem.

(40) Idem. Ibidem.

(41) Idem. Ibidem.

(42) Idem. Ibidem.

(43) Idem. Ibidem.

A imersão não pode ocorrer enquanto estiver de pé, sentada ou demasiadamente inclinada de forma precipitada pois nessas posições, partes de seu corpo se encontram dobradas. A posição correta consiste em curvar-se vagarosamente antes de imergir. Suas mãos e pés precisam estar na posição como se estivesse andando na rua, com suas mãos mantidas afastadas de seu corpo. Se houver a imersão enquanto estando de pé ou muito inclinada, precisará, se possível, imergir uma segunda vez.<sup>44</sup>

Se ocorrer algum problema de realização da imersão no Micvê de forma incorreta, a mulher deverá consultar um Rabino ortodoxo de sua cidade.<sup>45</sup>

Um costume entre as mulheres é que quando elas entram no Micvê, estejam ainda úmidas do banho que tomaram antes do banho ritual.<sup>46</sup>

Alternativamente, ela deverá entrar no Micvê acima de sua nuca e antes de imergir, molhar os braços, dobras, assim como olhos e axilas, com a própria água do Micvê.<sup>47</sup>

Quando estiver imersa não pode fechar os olhos fortemente nem abri-los muito, mas mantê-los suavemente fechados. Em relação a boca, ela deverá deixar os lábios suavemente juntos. Suas mãos e dedos deverão estar abertos e não fechados.<sup>48</sup>

Uma mulher com a idade mínima de 12 anos<sup>49</sup>, precisa estar presente a imersão com a finalidade de observar se a água cobre o corpo inteiro e os cabelos de uma só vez, sem que um único fio de cabelo fique fora da água, pois a Torá afirma:

*“Ela lavará toda a sua carne na água”.*<sup>50</sup>

Se tiver alguma dúvida a mulher deverá imergir novamente.

---

(44) Dubov, Rabbi Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Dinei Taharat.

(45) Idem. Ibidem.

(46) Idem. Ibidem.

(47) Idem. Ibidem.

(48) Idem. Ibidem.

(49) Na religião judaica a maioria da mulher ocorre aos 12 anos. A partir desta idade a menina já pode exercer várias funções que uma mulher judia realiza (menos a imersão no Micvê). O rapaz só adquire sua maioria nos 13 anos.

(50) Levítico 15 : 16.

Após a imersão, a mulher deve envolver seus braços abaixo de seu coração e recitar a seguinte bênção:

*“Bendito és Tu Senhor, nosso D’us, Rei do Universo, que nos santificaste com teus mandamentos e nos ordenou a imersão”.*<sup>51</sup>

É usual a mulher emergir mais uma vez após a bênção.

A mulher que está supervisionando o banho ritual deve dizer:

*“Ela imergiu-se apropriadamente”.*

Pois neste caso, o mandamento foi cumprido nas esferas celestiais e crianças boas são portanto merecidas.<sup>52</sup>

Quando sair do Micvê a mulher não deve banhar-se ou molhar-se. Deve aquecer-se através de forma natural ou de um aquecedor.

Após a imersão a mulher está pronta para a relação sexual com seu marido.

---

(51) Belinsky, Tatiana. Manual de bênção. pg. 38.

(52) Dubov, Rabbi Nissan David, Garelik, Levi Itschak – Kitzur Taharah.

## V. – AS NORMAS DE PUREZA FAMILIAR JUDAICA: RELAÇÃO DO CASAL DE ACORDO COM AS LEIS

A religião judaica nos seus objetivos não se limita a formulação de dogmas, a prescrição de cerimônias oficiais ou a organização de cultos públicos. Suas normas envolvem as áreas significativas da vida de um judeu: desde seus procedimentos em negócios até sua dieta; desde a busca de entretenimentos até suas obrigações filiais; de suas atitudes sociais até suas lembranças históricas; de suas aspirações metafísicas até a maneira de vestir-se, e etc. ...<sup>1</sup>

A halachá, lei judaica, tem muito a dizer sobre a conduta<sup>2</sup> sexual dos casais. O sexo não é o único componente da vida matrimonial judaica e pode não ser o mais importante. Mas tem bastante significação e alcance, para ser tratado pela halachá com a máxima seriedade e atenção. O casamento e os problemas correlatos formam parte importante de toda literatura talmúdica.

Mais de um sexto do Talmud, uma “Ordem” inteira é dedicada a assuntos como casamento, divórcio e direitos da mulher. Todas as facetas da vida conjugal, estão discutidas no Talmud. Os aspectos sexuais do casamento são de essencial importância para o Talmud, que lhes devota um tratado inteiro, denominado Niddah, além de longas passagens em outras áreas.<sup>3</sup>

Existem muitos elementos entre os quais constituem a maneira haláchica, os quais reunidos, fortalecem a estrutura da vida familiar judaica. O mais importante e que é descrito é o conjunto de leis que trata das relações conjugais. O código prescrito pela lei

---

(1) Provérbios 13 : 14.

(2) A conduta sexual é descrita também nos cap. III e IV.

(3) Talmud Babilônico – Tratado de Ketubot, Guitin, Sotá, Shabat; observa-se que 1 / 4 do Shulcan Aruch – Seção Even Haezer e partes extensas de seção do Iore Dea são dedicados a isto.

judaica para marido e mulher é geralmente designado Taharát Hamishpacha<sup>4</sup>, isto é, “pureza familiar”, eufemismo bem apropriado, porque se refere ao desejo daquela forma de auto transcendência que, conhecida como Taharát, ou pureza, representa magnífica proteção à integridade da mishpacha, ou seja, família.

Segundo a lei judaica:

*“A Taharát Hamishpacha é de fundamental importância para a proteção do laço matrimonial contra um de seus universais e perigosos inimigos, entre os que surgem após o desgaste da novidade: a tendência para a rotina, pois, casar-se é fácil, mas o difícil é permanecer casado”<sup>5</sup>.*

O Talmud<sup>6</sup> considera a combinação de pessoas tão difícil quanto a divisão das águas do Mar Vermelho, isto é, o milagre não foi tanto a separação das águas e sim mantê-las separadas de modo que o povo judeu pudesse passar com sucesso. Assim também é a união do homem e da mulher. A cerimônia de casamento, com todos os problemas que apresenta para o jovem casal e suas famílias é relativamente simples. Bem mais relevante, muito mais difícil e milagroso, é tornar o matrimônio estável<sup>7</sup>.

Lamm<sup>8</sup>, coloca que a atração sexual desempenha importante papel para levar um homem e uma mulher ao leito nupcial e mantê-los unidos nos primeiros meses e anos de casamento. Mas se esta atração se debilita nos anos subseqüentes, a permanência do casamento é em si arriscada e pode vagarosamente desintegrar-se.

Segundo o Talmud<sup>9</sup>, o casamento para ser bem sucedido, a atração entre marido e mulher existente durante o período inicial do casamento, deve ser preservada e mesmo ampliada. E é justamente a abstinência sexual recomendada pela pureza familiar que ajuda a manter aquela atração, estimulando a renovação do desejo. É assim que o Talmud se

---

(4) Taharát Hamishpacha – (Pureza Familiar), está relacionada diretamente a separação do casal durante o período que a mulher se apresenta ritualmente impura. Este período vai do primeiro dia do ciclo menstrual até o banho ritual no Micvê. (duração mais ou menos de 12 dias). Esta fase e o comportamento sexual do casal encontram-se explicados nos cap. III e IV.

(5) Lamm, Norman. Uma Sebe de Rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento. pg. 37.

(6) Talmud Babilônico. Início do Tratado de Sotá.

(7) Lamm, Norman. Uma Sebe de Rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento. pg. 38.

(8) Idem. Ibidem.

(9) Talmud Babilônico. Tratado de Niddah. Pg. 31B.

refere as implicações psicológicas do Taharát Hamishpacha:

*“Justamente porque o homem pode familiarizar-se demais com sua esposa e, por conseguinte, ser repellido por ela, é que a Torá disse que ela deveria ser considerada uma Niddah, por sete dias, isto é, a partir do fim de sua menstruação, de modo que possa ser amada por seu marido, no dia de sua purificação, como no dia do casamento”<sup>10</sup>.*

Para Lamm<sup>11</sup>, a intimidade excessiva conduz a abusos. E essa extrema familiaridade, com a conseqüente saciedade, aborrecimento e tédio, é causa direta e poderosa da desarmonia matrimonial.

Segundo os sábios do Talmud, quando o casal segue a disciplina sexual da Torá e observa o período de separação, o “fantasma da saturação” é afastado e a rotina criada pelo hábito é quebrada, para que o ardor do período inicial permaneça presente.

Lamm<sup>12</sup> comenta que as leis de Niddah que forcem o homem e a mulher a ficarem separados durante um período de quase duas semanas todo mês, tem a função de renovar o laço sexual entre o casal. Acrescenta ele que o fator importante seria a constante lua de mel que os casais que respeitam essas leis, isto é, as leis de pureza, possuem pela maior parte da vida ativa.

O drama do amor sem contato sexual compensado em seguida pela união amorosa entre o casal, é repetido todos os meses. Assim a separação física durante o período de Niddah quando eles expressam mutuamente outros sentimentos, é equivalente ao período de noivado. Então, como fez antes do casamento, a esposa imerge no Micvê, recita as mesmas orações que proferiu como noiva e une-se com seu esposo em pureza e amor como o fez na noite de casamento<sup>13</sup>.

Segundo o Talmud<sup>14</sup>, uma outra conseqüência que está relacionada diretamente a pureza familiar é sobre o modo pelo qual o marido e a esposa encaram um ao outro. De acordo com o pensamento de Rabi Meir<sup>15</sup>, existem duas formas pela qual o ser humano pode ser visto: como a um ser ou como a um objeto.

---

(10) Talmud Babilônico. Tratado de Niddah. pg. 31B.

(11) Lamm, Norman. Uma Sebe de Rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento. pg. 38.

(12) Idem. Ibidem. pg. 39.

(13) Michan – Artigo: Felicidade ou desilusão? Pg. 9 – 13.

(14) Talmud Babilônico – Tratado de Niddah.

(15) Idem. Ibidem.

Segundo ele a primeira é a forma pela qual nos relacionamos com outro ser humano como um sujeito e uma pessoa, como seres importantes, independentes, autônomos, possuídos de dignidade e valor intrínseco. A segunda forma é ver o outro ser humano como um objeto, desprovido de valor e individualidade, como uma “coisa”, ou instrumento a ser manipulado no sentido de satisfação de objetivos, fins e propósitos. No primeiro exemplo, há o encontro e confronto entre dois seres humanos. No segundo o uso ou abuso dele ou dela, como mero objeto de sua propriedade.

Segundo Lamm<sup>16</sup>, as relações sexuais têm a tendência de ser do tipo “eu coisa” mais do que “eu ser”. Há a inclinação de considerar o companheiro sexual como uma coisa, como um objeto para realização de paixões e desejos próprios. Um exemplo que o autor coloca em seu livro é a do homem da caverna que puxava a companheira pelos cabelos, isto é, não a via como pessoa com dignidade interior. Ela era um objeto, semelhante a quaisquer outros objetos.

O importante é considerar o parceiro como um ser e não um objeto. É neste caso que a pureza familiar exerce a mais benéfica influência sobre as camadas mais profundas das relações entre marido e mulher<sup>17</sup>.

O autor cita:

*“Obedecendo à Halachá, o marido aprende, vagarosa e gradualmente, mas seguro e firmemente, que sua mulher é humana e dotada de dignidade Divina, que ela é um ser e não uma “coisa”, que ela é uma pessoa e não um objeto”<sup>18</sup>.*

## 5.1 – Visão do Sexo no Judaísmo

Segundo a Torá na primeira narração da criação do homem, ele é apresentado, em essência, como uma criatura natural, recebendo a ordem de ser fecundo, multiplicando-se e dominando o restante da natureza. Por este motivo, recebeu os impulsos instintivos do sexo e do poder.

---

(16) Lamm, Norman. Uma Sebe de Rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento. pg. 41.

(17) Idem. Ibidem. pg. 42.

(18) Idem. Ibidem. pg. 43.

Assim está na Torá:

*“E disse D’us: ‘Façamos homem à nossa imagem segundo a nossa semelhança, e que domine sobre o peixe do mar e sobre a ave dos céus e sobre o quadrúpede e em toda a Terra, e em todo réptil que se arrasta sobre a Terra!’ – E criou D’us o homem à sua semelhança, à imagem de D’us o criou; macho e fêmea, os criou - E abençoou-os D’us. E disse-lhes D’us ‘Frutificai e multiplicai, e enchei a Terra e subjugai-a; e dominai sobre o peixe do mar e sobre a ave dos céus e em todo animal que se arrasta sobre a Terra’”<sup>19</sup>.*

Segundo Lamm:

*“O mandamento de multiplicar a espécie, foi o primeiro dado ao homem. Sendo o sexo uma função natural, e de tal poder que ninguém é isento da tentação e sedução sexual, constitui-se no meio pelo qual o mundo de D’us é povoado e a vontade Divina é realizada. Por este motivo o sexo é um instrumento sagrado. Além disso o convívio sexual é um bem intrínseco, em acréscimo as exigências da procriação”<sup>20</sup>*

No segundo relato, mais pormenorizado da Torá, onde a natureza moral do homem é desenvolvida, não há referência à propagação da espécie. Em vez disso a Torá relata:

*“E o Senhor D’us disse: ‘Não é bom que o homem esteja sozinho. Eu lhe darei alguém a sua altura, que o ajude (...). Por conseguinte o homem deixará seu pai e sua mãe e unirá-se à sua mulher, tornando-se ambos uma só carne”<sup>21</sup>*

Segundo o Judaísmo a relação amorosa do marido e da mulher é um fim em si mesmo, uma virtude determinada e santificada pelo Criador. No relato acima consta: “Não é bom que o homem esteja sozinho”. O Rabino Zevi coloca que a capacidade interior do homem para a bondade nunca pode ser realizada, a menos que ele tenha uma companheira a quem possa dedicar afeição<sup>22</sup>.

De acordo com os ensinamentos judaicos, o sexo não é algo intrinsecamente vergonhoso ou sujo. Muito pelo contrário, é uma das mais sagradas entre todas as funções

(19) Gênesis 1 – 26 – 28.

(20) Lamm, Norman. Uma Sebe de Rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento. pg. 17.

(21) Gênesis 2 – 18 – 25.

(22) Lamm, Norman. Uma Sebe de Rosas: Uma visão judaica do sexo e do casamento. pg. 18.

humanas – sempre que seja mantido dentro das orientações da Torá, e que não seja pervertido<sup>23</sup>. A palavra em hebraico para casamento é Kiddushim, que literalmente significa “Santidade” ou “Santificação”. Quando um homem casa com uma mulher, as palavras que lhe declara são:

*“Verei que você se torne sagrada para mim com este anel”*<sup>24</sup>.

Na religião judaica o oposto do matrimônio é a prostituição, e uma das palavras que significa prostituta é Kadeshah – literalmente, uma mulher que corrompeu a sua santidade, indicando o outro lado desta santidade, que é a perversão<sup>25</sup>.

Um dos motivos pelo qual o sexo é tão sagrado é porque ele tem a capacidade de conseguir algo que está além do poder de todas as outras funções humanas – isto é, trazer uma alma para o mundo, e produzir um ser humano<sup>26</sup>.

Segundo o Talmud<sup>27</sup>, incidentalmente, isto explica o pacto de D’us com Abraão (em hebraico Avraham) que envolvia a circuncisão – uma marca indelével sobre o órgão reprodutor.

Como patriarca do povo judeu, Avraham e seus filhos agora seriam capazes de usar este órgão para trazer as almas mais sagradas ao mundo. Segundo o Talmud foi somente após Avraham fazer sua própria circuncisão, que ele foi capaz de dar nascimento a Isaac<sup>28</sup>, com o órgão sexual que leva a marca do pacto com D’us<sup>29</sup>.

Kaplan<sup>30</sup>, analisa o pacto da circuncisão como uma das coisas que elevaram Avraham e seus filhos, do estado de queda resultante da expulsão do Éden. Em consequência do pacto, o ato sexual do judeu entra na esfera de ação do sagrado, e compartilha do ideal homem antes da expulsão. Sendo assim, no ato sexual<sup>31</sup>, nada poderá representar o estado imperfeito do homem resultante de sua expulsão.

---

(23) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 71.

(24) Talmud Babilônico – Tratado Kiddushim. pg. 2b.

(25) Talmud Babilônico – Tratado Sanhedrin. pg. 82.

A Torá possui uma lista de atos sexuais que são considerados perversões. Ex.: homossexualidade, incesto, adultério, entre outros. Levítico 18.

(26) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 72.

(27) Talmud Babilônico – Tratado Tiferes Israel.

(28) Issac quando nasceu, seu pai Avraham tinha 99 anos, até então não possuía filhos com sua mulher Sara.

(29) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 72

(30) Idem. Ibidem.

(31) Vide Capítulo III.

Logo, uma Niddah<sup>32</sup> não poderá participar do ato sagrado do sexo<sup>33</sup>.

A Torá proíbe abertamente todo contato sexual entre um homem e uma mulher que tem o estado de uma Niddah. Assim a Torá diz:

*“Não chegarás perto de descobrir a nudez que esteja como Niddah”<sup>34</sup>.*

Segundo Kaplan<sup>35</sup>, a proibição contra o contato sexual com uma Niddah é muito grave no Judaísmo. Talvez isto esteja melhor expressado nas palavras do profeta Ezequiel, que diz:

*“Se um homem for digno e fizer justiça e caridade ( ... ). Ele não corromperá a esposa do seu vizinho, nem se aproximará de uma mulher que é uma Niddah”<sup>36</sup>.*

O profeta equipara a relação sexual com uma mulher neste estado ao adultério cometido com a esposa de outro homem.

Segundo a Torá:

*“Se um homem se deitar com uma Niddah, e descobrir sua nudez ... ) ambos serão afastados do seu povo”<sup>37</sup>.*

A expressão “afastados” não se refere a nenhum tipo de incomunicação. Mas sim, trata-se de uma penalidade espiritual, onde a pessoa é cortada de sua fonte espiritual<sup>38</sup>.

De acordo com o Talmud<sup>39</sup>, o indivíduo perde sua capacidade de sentir e apreciar o espiritual e o Divino, e assim torna-se “afastado” dos elementos mais importantes da vida como judeu. Segundo o mesmo, a única maneira de uma pessoa reunir-se com a fonte espiritual é arrepender-se sinceramente perante D’us, com a resolução de nunca mais repetir o ato.

---

(32) Niddah é uma representação do estado imperfeito do homem pela expulsão do Éden. Niddah é o status que a mulher adquire no início do ciclo até o banho ritual.

(33) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 73.

(34) Levítico 18 : 19.

(35) Kaplan, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. pg. 32.

(36) Ezequiel 18 : 5 – 6.

(37) Levítico 20 : 18.

(38) Zohar 2 : 142B.

(39) Talmud Babilônico – Tratado Sanhedrin. pg. 90 B.

Este afastamento espiritual é para todas as formas de perversões sexuais, pois são vistas como quebra do pacto da circuncisão<sup>40</sup>.

## 5.2 – Relação Sexual no Judaísmo

*“O homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á a sua mulher, tornando-se uma só carne”<sup>41</sup>.*

Existem dois princípios básicos que norteiam todo relacionamento sexual do casal judeu. Esses princípios se encontram em dois trechos da Torá. Um deles diz:

*“Diga a toda congregação do povo de Israel: Sejam Santos! Pois D’us é santo”<sup>42</sup>.*

Existem muitas explicações do que significa ser santo. Segundo Rabbi Modechai Elihau<sup>43</sup>, cumprir o que está na Torá não é ser santo, é simplesmente obrigação. Machmânides explica que:

*“Seja santo dentro daquilo que D’us lhe permitiu”<sup>44</sup>, isto é santificar-se dentro daquilo que as Mitzvot<sup>45</sup> exigem do povo judeu.*

O conceito de desenvolver a santidade significa, conseguir ser santo naquilo que já lhe é permitido. Por exemplo, o vinho casher<sup>46</sup> é permitido mas saiba usá-lo, isto é, saiba se auto-limitar para não cair no vício e embriaguez que são expressamente proibidos pela Torá. Ela aplica esse conceito em muitas coisas inclusive do prazer sexual também. Como exemplo, o Rabbi Elihau baseado nos ensinamentos da Torá e do Talmud, coloca que mesmo que a esposa lhe seja permitida em certos períodos, como foi explicado nos capítulos anteriores, isto não significa que deva ser tratada como um objeto ao qual se deriva um prazer puro e simples, e sim o indivíduo deve santificar a sua relação com o

---

(40) Levítico 18 : 29.

(41) Gênesis 2 : 25.

(42) Levítico 19: 2.

(43) Rabino chefe sefaradi de Israel de orientação cabalística. Compilou uma obra sobre a Sexualidade e suas normas no Judaísmo. – Elihau, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(44) Elihau, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(45) Plural de Mitzva. Em português significa “Mandamento Divino” ou “Preceito Bíblico”.

(46) Dieta diária.

outro com uma intenção mais profunda e espiritual. Dessa forma o indivíduo estará santificando sua relação<sup>47</sup>.

A Torá diz que o homem deve unir-se com a sua esposa e vai mais longe:

*“O homem deixará seu pai e sua mãe e unir-se-á a sua mulher, tornando-se uma só carne”*<sup>48</sup>.

A união entre o casal é considerada no Judaísmo uma Mitzva, mas esta Mitzva tem que ser feita com uma dose de santidade<sup>49</sup>.

Rabbi Modechai Elihau<sup>50</sup> explica em seu livro, como uma pessoa pode santificar o ato, tendo sensações fortes até mesmo incontroláveis, principalmente no homem.

Segundo sua visão, o casal deve ter naquele momento da relação, o pensamento de estar realizando uma Mitzva. Dessa forma eles estarão direcionando melhor suas intenções no momento do ato. Isto não quer dizer que o indivíduo tenha que ignorar as sensações que ele está tendo ou se fazer de auto-controlado, essa não é a questão, e sim tentar unir o objetivo com a parte principal da Mitzva. Neste caso ele vai chegar ao segundo princípio básico que norteia o relacionamento do casal que é “Amar ao próximo como a si mesmo”<sup>51</sup>, que também faz parte dessa Mitzva, pois todo relacionamento inclui amor ao próximo<sup>52</sup>.

O que significa “amar ao próximo como a si mesmo” neste caso específico? Segundo Rabino Elihau, seria não apenas respeitar o sentimento do próximo e sim fazer com que o outro se sinta alegre e feliz – esse seria o objetivo maior do relacionamento. Daí porque o Judaísmo dá ênfase a importância de fazer a esposa se sentir feliz e Ter prazer no momento da relação<sup>53</sup>.

Como já falamos, existem vários mandamentos relacionados com o sexo no Judaísmo, como por exemplo: unir-se a esposa, a obrigação do marido de ter relações sexuais com ela, o de se reproduzir, amar ao próximo, etc. Diante de tudo isso, a intenção

---

(47) Elihau, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(48) Talmud Babilônico – Tratado Sanhedrin. pg. 90. Gênesis 2 : 25.

(49) Elihau, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(50) Idem. Ibidem.

(51) Levítico 19 : 18.

(52) Elihau, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(53) Idem. Ibidem.

principal é de tornar a esposa feliz<sup>54</sup>.

Segundo o renomado cabalista Arizel<sup>55</sup>, a obrigação de dar prazer a esposa não se aplica no caso de que ele tenha a obrigação de ter relacionamento com ela e sim em qualquer situação, isto é, satisfazer a esposa é uma obrigação da Torá<sup>56</sup>. Existe uma proibição da Torá de se recusar em ter relacionamento sexual com a sua esposa com o intuito de causar-lhe sofrimento ou frustração, pois ela irá sofrer e o homem não estará cumprindo o mandamento de satisfazê-la<sup>57</sup>.

Segundo Rabbi Elihau<sup>58</sup>, para o homem produzir alegria e prazer na mulher se faz necessário que ele saiba as diferenças naturais que existem entre eles no âmbito sexual, isto é, o homem tem o prazer muito mais rápido enquanto que o prazer da mulher não está no ato em si e sim no carinho, no amor, nos beijos e tudo que envolve e antecede o ato. Pois o ideal do ato é o homem unir-se com sua esposa e os dois chegarem juntos ao clímax, para assim santificarem-se e elevarem-se. Esta deve ser sempre compartilhada. Na medida que ambos se unem no mesmo propósito então “D’us está presente entre eles”<sup>59</sup>. Neste caso se aplica o termo “sejam santos”.

O Talmud<sup>60</sup> menciona que a forma que se unem afeta também o caráter da criança que por ventura possa vir dessa união. Quanto mais elevadas são as intenções originais, mais elevados serão também os níveis das crianças no sentido físico e espiritual.

Rabbi Avraham Bem Davi, conhecido como Raavad escreveu vários livros de leis e comentários sobre Maimônides. Entre essas obras está a “Baalei Hanefesh”( Shaar Hakedusha), isto é, “Portal da Santidade”, onde se encontram as quatro intenções básicas positivas que deve haver no relacionamento sexual<sup>61</sup>:

- 1ª – Cumprir a Mitzvá de manter relações sexuais com a sua esposa e ter filhos.
- 2ª – Cumprir com a Mitzvá de alegrar a esposa tendo com ela relações maritais,

---

(54) Talmud Babilônico – Tratado de Sabat. Pg. 63A.

(55) Expoente máximo da Cabala. Nascido no século XV em Jerusalém, viveu no Egito e ensinou Cabala e Mística em Tsfat, no norte de Israel, onde faleceu. Entre as suas obras póstumas encontra-se o comentário Etz Chaim compilado por seu discípulo Rabbi Chaim Vital Calabrese. Aclamado como o maior cabalista dos tempos modernos.

(56) Êxodo 21:9.

(57) Shulchan Aruch. Seção Even – Haezer. cap. 76:11.

(58) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(59) Guemará. Talmud Babilônico – Tratado de Sotá. pg. 17A.

(60) Talmud Babilônico – Tratado de Necharim. pg. 20A.

(61) As intenções se encontram em: Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

dentro de uma certa constância. Isto aplica-se também as relações com a esposa mesmo ela estando grávida.

A Mitzvá de ter relacionamento com a mulher é uma das obrigações do marido e um dos direitos da mulher. Esta intenção é considerada louvável por mais que não haja idéia de reprodução imbutida neste caso.

3<sup>a</sup> – A terceira seria a Mitzvá de satisfazer a vontade e o desejo da esposa, fora de alguma data especial, pela qual eles teriam que se relacionar, como por exemplo: no dia que a mulher volte do Micvê, no Shabat, antes do marido viajar ou no dia de sua chegada. O homem observa este desejo através de gestos, vestimentas, enfeites, etc...

4<sup>a</sup> – A quarta e última que ele considera ser positivo também, é no caso que o marido tem o desejo de ter uma relação sexual com a sua esposa. Para isso ele tem que seduzi-la, conquistá-la para que se tenha o ato e nunca forçá-la, pois o Judaísmo proíbe que o marido obrigue a mulher a ter relações sexuais. O Talmud diz que por mais que essa intenção não tenha o mesmo nível de grandeza dos outros, já que neste caso, o casal não se encontra nos dias especiais, citados no item 3, é melhor ter relações sexuais com sua esposa do que o marido ir procurar uma outra mulher ou desperdiçar o sêmen a toa.

A Torá, como vimos, considera a relação sexual uma Mitzvá. Ela sugere até a quantidade de vezes<sup>62</sup> que o casal judeu deve manter relações sexuais, isto é, dependendo do estado físico do homem e do tipo de trabalho que ele exerce.

Se o homem tiver um trabalho estressante que o esgote fisicamente, ele não precisa manter relações sexuais com a sua esposa constantemente, porém se o seu trabalho não lhe cansar, a sua obrigação será de manter relações sexuais freqüentemente, havendo o consentimento e disposição de sua esposa.

De um modo geral, a noite que o Judaísmo considera mais propícia de manter relações é a noite de Sahabat<sup>63</sup>, na qual adquire-se forças físicas e espirituais para a semana toda<sup>64</sup>. Porém a média de relações sexuais que o Judaísmo coloca como o ideal seria duas vezes por semana. O melhor horário para a relação seria no meio da noite pois, a digestão já estaria terminada e o corpo estaria pronto para o ato. Neste período não haveria interrupções, pois todos estariam dormindo<sup>65</sup>.

---

(62) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(63) Shabat é o sagrado dia do descanso para o povo judeu. Inicia no anoitecer de Sexta-feira até o por do sol do Sábado.

(64) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(65) Idem. Ibidem.

O prazer e a alegria da esposa, são conceitos muito importantes no Judaísmo. A origem de que o homem tem a obrigação de dar prazer a sua esposa durante o ato consta do Talmud<sup>66</sup>.

O Talmud<sup>67</sup> diz:

*“O que deve fazer a pessoa para que seus filhos sejam bons física e espiritualmente?”*

Eles, os sábios do Talmud Babilônico, respondem que deve-se cumprir o desejo e a vontade dos céus e o desejo de sua esposa.

O Talmud analisa essa questão da seguinte forma: Quais os desejos dos céus? Seria o de cumprir as Mitzvot e dar dinheiro aos pobres? E quais são os desejos da esposa? Sobre isso o Talmud tem uma divergência. Rabbi Eliezer diz: “Ela deve seduzir no momento do ato”. E Rabbi Yehuda diz: “Ele deve alegrá-la com a Mitzvá”. Sobre isso comenta o Shulchan Aruch<sup>68</sup>, códigos de leis, que a discussão não é o que fazer, pois ambos estão falando sobre a mesma coisa e sim cada um dá uma ênfase a outro aspecto específico deste assunto. Segundo Rabi Eliezer, o desejo da esposa seria aquilo que a alegra, ou seja, o carinho, o abraço, os beijos, etc., tudo aquilo que faz com que ela se sinta feliz durante o ato. Na verdade isso seria a idéia de “cortejar”, isto é, a preparação antes do ato. Para o Rabino Eliezer é neste ponto que o marido deve dar ênfase para poder alegrar a esposa e produzir prazer<sup>69</sup>. Por outro lado de acordo com o Rabi Yehuda o desejo da esposa seria alegrá-la no momento em que ela deseja ter relações. Ambos estão certos segundo a Lei Judaica.

Segundo Shulchan Aruch<sup>70</sup>, muitas vezes para a mulher toda a preparação que antecede o ato é mais importante que o próprio ato. É por isso que o homem deve se preparar antes do momento do ato de tal maneira que ele institua dentro do seu coração um amor único pela esposa de modo que a inspire, envolva com palavras, beijos e muito carinho.

À Guemara<sup>71</sup> traz uma história que conta que um grande Rabino que era muito conhecido pelo cuidado que tinha em dizer algo, inclusive era um pouco lacônico, pois

---

(66) Talmud Babilônico – Tratado de Nedarin. pg. 20A.

(67) Talmud Babilônico – Tratado de Pessachim. pg. 72A.

(68) Shulchan Aruch – Seção Orach Chaim. Cap. 240.

(69) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(70) Shulchan Aruch. Seção Chaim. Cap. 240.

(71) Talmud Babilônico – Tratado de Berochet. pg. 62A.

falava pouco e o que falava era só palavras da Torá. De repente ficou-se sabendo que no momento em que estava com sua esposa ele realmente falava, e falava muito. Segundo os sábios do Talmud essa história demonstrava que falar durante o relação sexual é uma Mitzvá. Porém não são palavras sem sentido, tornando a relação vulgar. Deverão ser palavras que alegrem a esposa, pois neste sentido o homem estará cumprindo um mandamento. Por isso o Rabino não poupava palavras onde pudesse provar o carinho com a sua esposa<sup>72</sup>.

Sobre o cortejo, existe outro comentário do Talmud que diz o seguinte:

*“Dizia Rabi Yohanah: se a Torá não fosse entregue, poderíamos aprender modéstia e recato dos gatos; a preocupação com propriedade alheia com as formigas; fidelidade no lar das pombas e até mesmo o cortejo com o galo”<sup>73</sup>.*

Ele explica que o galo nunca parte diretamente para o ato. Primeiro parece seduzir a galinha com movimentos de asa e depois vai ao ato. Após esse momento ele abaixa a crista como se estivesse agradecendo e vai embora.

Segundo o Rabino Eliahu<sup>74</sup>, na verdade, a obrigação de se cortejar a esposa é algo tão natural que até os animais o fazem. Só o ser humano às vezes deixa de fazer, quando não prevalece o amor, o bom senso, ele deixa de ver a lógica por detrás disso.

O Talmud<sup>75</sup>, menciona que para cortejar a esposa é necessário, entre outras coisas, que o homem reconheça as qualidades visíveis e potenciais dela. Sendo assim estará cumprindo o mandamento de “Amar o próximo com a si mesmo”<sup>76</sup>, pois todo aquele que tem relação com a sua esposa e não a corteja, como falamos antes, é uma falta de amor ao próximo.

Convém mencionar a afirmação do Rabino Eliahu, segundo o qual o Judaísmo proíbe o homem de abandonar sua esposa imediatamente após o ato sexual como quem já se satisfaz (usou e jogou fora ...) e sim aconselhar-se, que após o término, o marido deve ficar ao lado da esposa demonstrando seu afeto por ela e não meramente pelo ato<sup>77</sup>.

---

(72) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(73) Talmud Babilônico – Tratado Eruvim. pg. 100B.

(74) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(75) Talmud Babilônico – Tratado de Pessachim. pg. 49B.

(76) Levítico 19:18.

(77) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

Segundo o Talmud<sup>78</sup>, a mulher deve participar dos preparativos que antecedem o ato de maneira sutil, discreta e romântica. Esta sutileza e discrição envolve a roupa, pintura, comida, gestos e não ir “direto ao assunto”, pois uma das diferenças entre o homem e mulher, é que “ela pede com o coração e ele com a boca”<sup>79</sup>. No mesmo Tratado existe uma colocação que ambos devem participar juntos no ato, isto é, o homem deve se preocupar em dar a sua esposa prazer e vice-versa. Quando ambos estão ligados entre si a relação se torna completa.

Existe uma “Igueret a Kedusha”<sup>80</sup>, isto é, “Portal da Santidade”, escrita por Rambam Nachmanidez, onde fala a respeito do que deve acontecer durante o ato. Esta obra resume de uma certa forma o que dissemos anteriormente.

Nesta obra Nachmanidez coloca que antes de mais nada para haver excitação, ereção, sêmen, enfim o ato em si é necessário o estímulo da mente do homem. Tudo o que acontece durante a relação vai depender da intenção do indivíduo. Este ponto implica também na formação dos filhos, isto é, a formação física e espiritual.

Para tudo correr bem, o homem quando se une com a sua esposa, seus pensamentos devem ser de sabedoria, ética e moral elevada, de tal forma que esses pensamentos sejam reproduzidos em forma de gotas<sup>81</sup>. A pessoa deve purificar seus pensamentos de tal maneira que pense somente em coisas elevadas e também é importante que ele prepare o pensamento de sua esposa e alegre o seu coração, para que ambos se unam a esta Mitzvá e então os pensamentos serão um e D’us estará presente e disso sairá uma criança com uma pureza mais elevada. Por isso é importante antes do ato, seduzi-la, para que a união seja mais completa para despertar a vontade e o desejo. Enfim, quando o indivíduo se sente preparado e ela também, ambos devem se unir ao ato com o máximo de excitação e desejo, transformando a união num ato de amor completo<sup>82</sup>.

---

(78) Talmud Babilônico – Tratado de Shabat. pg. 140B.

(79) Talmud Babilônico – Tratado de Eruvim. pg. 100B.

(80) Eliahu, Modechai. Darquei Taharat. pg. 193 – 210.

(81) Idem. Ibidem.

(82) Idem. Ibidem.

## VI. – CONCLUSÃO

Neste trabalho, foram apresentadas considerações a respeito da sexualidade no Judaísmo.

Tentamos oferecer ao leitor um material fidedigno sobre o assunto, já que o trabalho foi realizado e pesquisado em fontes básicas das Leis Judaicas e algumas compilações de autores que realizaram obras a este respeito.

A intenção principal desta obra foi de esclarecer e aumentar o conhecimento das pessoas sobre a visão da sexualidade na religião judaica, já que não se encontra em nossa literatura, um trabalho que descreva claramente não só a visão da sexualidade, como também o comportamento sexual do casal judeu de acordo com os mandamentos Divinos.

Esta obra teve como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica descrevendo a sexualidade no Judaísmo. Não comporta uma conclusão de análise positiva ou negativa das normas existentes. Neste ponto acreditamos que seja mais enriquecedor para o leitor, a sua própria análise dos conceitos e regras da religião judaica apresentadas.

De forma alguma podemos afirmar ou imaginar que esta obra seja a última palavra sobre um tema tão antigo quanto o povo judeu. Por este motivo esperamos que futuramente alguém acrescente um novo material que possa assim aumentar o conhecimento de nossa sociedade a respeito deste assunto.

## VII. – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABRAMOV, Tehilla. O Segredo da Feminilidade Judaica. São Paulo, Ed. Torá Colel, 1993. 174 p.
2. BACKMAN, Aidel. Di Yiddishe Heim. USA, Ed. Zalman Kleiman, 1983. 24 p.
3. BAUMGARTEN, Dober. Vida Matrimonial Judaica. Buenos Aires, Ed. Amigos do Movimento Lubavitch de Buenos Aires. 64 p.
4. BELINSKY, Tatiana. Manual de Bênção. São Paulo, Ed. Chabad, 1988. 136 p.
5. BIBERFELD, Philip. Universal Jewish History. New York, Ed. Philip Feldhem, 1962. 246 p.
6. CHAHON, Vera Lúcia. A Mulher Impura: Menstruação e Judaísmo. Rio de Janeiro, Ed. Achiamé, 1992. 94 p.
7. DUBOV, Nissan David, Garelik, Levi Itschak. Kitzur Dinei Taharat. New York, Ed. Kehot Publication Society, 1986. 62 p.
8. ELIAHU, Modechai. Darquei Taharat. Israel, Jerusalém, Ed. Sucat David, 1984. 220 p.
9. Equipe de Alunos da Yeshivá. A Criação do Mundo. A História de Shavuot. Petrópolis, 5:10, Junho de 1978.
10. FENDEL, Zechariah. Legacy of Sinai. USA, New York, Ed. The Rabbi Jacob Joseph School Press, 1981. 332 p.
11. \_\_\_\_\_. Lei Judaica de Moisés ao Século XXI. Revista Lubavitch Views. Rio de Janeiro, 14:30-31. Setembro/Outubro. 1993.
12. FRIDLIN, Jairo. Sidur da Semana. São Paulo, Ed. Press Grafic, 1989. 403 p.
13. FRIEDMAN, Manis. Será que ninguém mais se envergonha? Recuperando a Intimidade, a modéstia e a sexualidade. São Paulo, Ed. Maayanot, 1990. 151 p.
14. GLAZERSON, M. The Grandier of Judaism and the East – udaim and Meditation. Israel, Ed. Agudat, 1981. 145 p.
15. GRUNPLATT, Natan. Luminárias de Israel. Buenos Aires, Ed. Kerot Lubavitch Sul América, 1993. 330 p.
16. HIRSCH, Samson Raphael. A Torá Views and Woman and Women's Lid. USA, Ed. Soncino Press Ltd, 1969. 50 p.
17. ISAACS, Jacob. Our People History of the Jews. USA, Ed. Merkon L'Inyonei Chinuch 1984. 286 p.
18. IUSSIM, Henrique. Breve Introdução à Bíblia Hebraica. São Paulo, Ed. B'nai B'rth, 1968. 103 p.

19. KANTOR, Matter. The Jewish Time Line Encyclopedia. A Year by Year History from Creation to the Present. Londres, Ed. Jason Aronson, 1989. 362 p.
20. KAPLAN, Aryeh. As Águas do Éden: O Mistério do Micvê. São Paulo, Ed. Maayanot, 1992. 143 p.
21. \_\_\_\_\_. Meditation and Kabbalah. USA, Ed. Samuel Weiser, 1982. 355 p.
22. \_\_\_\_\_. O Bahir – O Livro da Iluminação. Rio de Janeiro, Ed. Ímago, 1992. 284 p.
23. \_\_\_\_\_. Sefer Yetzikhah. The book of Criation. USA, Ed. Samuel Weiser, 1990. 388 p.
24. \_\_\_\_\_. The Living Torah. A New Translation Based on Traditional Jewish Jewish Sources. USA, Ed. Maznaim Publishing Corporatin, 1981. 645 p.
25. LAMM, Norman. Uma Sebe de Rosas: Visão Judaica do Sexo e do Casamento. Rio de Janeiro, Ed. José Konfino, 1970. 68 p.
26. MAIMÔNIDES. Livro de Las Preceptos – Sefer Hanitzvot. Argentina, Buenos Aires, Ed. Jabad Lubavitch, 1985. 441 p.
27. \_\_\_\_\_. Mishnê Torá – O Livro da Sabedoria. Rio de Janeiro, Ed. Ímago, 1992. 300p.
28. MATZIIAH, Meir. A Torá: A Lei de Moisés. Rio de Janeiro, Ed. Danúbio S.A., 1962. 510 p.
29. MEISELMAN, Moshe. Jewish Woman in Jewish Low. USA, Ed. Ktav Publishing House e Yeshivá University Press, 1978. 218 p.
30. MICHAAN, Yitschac. Casamento: Felicidade ou Desilusão. Revista Chabad News. São Paulo, 5:9-13, Novembro 1984.
31. STINSALTZ, Adin. Talmud Essencial. Rio de Janeiro, Ed. A Koogan, 1989. 379 p.
32. ZALMAN, Scheur. Likutei Amarim. São Paulo, Ed. Kerot do Brasil, 1984. 387 p.